

S. R.

7907

Adolfo Coelho -
A Questão de Coimbra

ADVERTENCIA

Porto. 1872.

9

Em 1862 matriculava-me eu na Universidade de Coimbra cheio das esperanças dos 15 annos, e com o fervor natural de quem ia entrar no que, segundo a velha imagem academica, lhe apresentavam como o alcaçar da sciencia. Não era a primeira vez, porém, que entrava n'aquellas aulas; mas anteriormente era um mero espectador, e, confesso, o tom magistral e grave d'alguns lentes, aquella cadeira elevada acima do nivel das cabeças dos estudantes, o silencio profundo d'estes eram cousas que produziam um grande effeito no meu animo pueril. Nada excitava, então, em mim um enthusiasmo egual ao que sentia ao assistir a um doutoramento. A toada compassada d'aquellas orações latinas, a unica cou-

sa d'ellas que ouvia, aquelles doutores com suas insignias enchiam-me d'um respeito, que me dominava, por todas aquellas figuras. A minha entrada para a Universidade quebrou porém o encanto. Achei deante de mim um lente de chimica, estúpido, mal seguro nas phrases do compendio, insolente, ora assumindo um ar carrancudo com pretensões a gravidade, ora descendo a graçolas boçaes, fazendo o seu forte nas formulas chimicas e na analyse e preparação d'alguns corpos, o que aprendera naturalmente ensinando. Esse homem tinha muita importancia e influencia na sua faculdade; era um Cerbero collocado á entrada d'aquelle inferno, cuja furia era mister abrandar. Poucos dias depois de se abrirem as aulas ouvia entre os condiscipulos frequentes vezes esta pergunta: «Já te recommendaste?» Soube então que aquelle lente não chamava á lição um estudante se este não obtivesse ser-lhe recommendado por uma ou mais pessoas que elle tivesse em consideração.

As minhas illusões ácerca da Universidade estavam desfeitas; de ser aquelle lente ahi consentido concluia-se indiscutivelmente que o abuso existia lá em larga escala. Investiguei, e o resultado d'essa investigação foi, que se queria a sciencia, a que aspirava, não a buscasse ahi. Estabeleceu-se então uma luta: d'um lado circunstancias imperiosas forçavam-me a seguir o curso universitario, d'outro o espirito chamava-me

S. A

d'ahi para fóra e dirigia-me para um campo que eu não conhecia mas cuja existencia era evidente para mim. O resultado foi simples: ia á Universidade materialmente, o meu espirito não ia commigo. Os compendios dormiam sobre a minha banca d'ordinario; só por favor lhe consagrava diariamente um momento de leitura. Um lente de mathematica, cuja aula frequentei dous annos, confirmou ainda as idéas que ia formando ácerca da Universidade. Este era forte no compendio; não gaguejava como o primeiro, mas horrorisava-o a idéa do infinito mathematico que para elle não era mais que um signal do absurdo d'uma hypothese: além da formula, do resultado material não via nada. Sabia mover a manivela do calculo; mas era tão mathematico como quem toca d'ouvido é musico. Esse homem fóra frade e na cadeira tinha o ar d'um inquisidor-mór. Os estudantes tremiam deante d'elle. Quando, porém, dava lição algum dos seus recommendados, se não chegava a ser amavel, amaciava-se muito. Foram os unicos professores que tive na Universidade; pessoalmente nada tenho que dizer contra elles; considerando-me como menos ainda que estudante mediocre, fizeram o que deviam fazer; ainda mais, sou-lhe summanente agradecido, porque a elles devo principalmente o ter perdido as illusões ácerca da Universidade logo na idade em que mais fortes foram para mim até hoje a coragem e as aspirações, em que

por consequencia senti forças para tentar a empresa difficil e arriscada de me educar intellectualmente a mim proprio.

Bem ou mal essa empresa tenho-a levado por deante, e tenho a consciencia de que cheggi já a resultados a que nunca chegaria se eu tivesse confiado a direcção do meu espirito a esteril ensino universitario, e estes compensam largamente as lacunas que existem necessariamente n'uma educação intellectual feita ao acaso, quasi sem methodo, além do que a propria experiencia do máo exito ensina, ás apalpadellas, n'uma palavra.

Tractando de dirigir o meu proprio ensino, naturalmente devia buscar os meios de o dirigir bem como uma das condições indispensaveis; isto levou-me logo de começo ao estudo da pedagogia, ao exame dos methodos d'ensino empregados em differentes paizes e principalmente na Allemanha; e, desejoso de que qualquer trabalho meu possa aproveitar a outrem, fui colleccionando os materiaes colhidos n'esse estudo e n'esse exame para escrever um livro assaz vasto sobre o ensino, e principalmente o ensino publico, uma das partes do qual seria destinado ao exame das nossas instituições da instrucção publica. Os materiaes para esse livro estão quasi todos colhidos; infelizmente, circumstancias independentes da minha vontade retardam a sua redacção, assim como a d'outros trabalhos meus.

A conferencia seguinte foi extractada d'esses materiaes; cada uma das asserções que n'ella se apresenta podia ser comprovada por um numero mais ou menos consideravel de documentos, além dos que adduzi, mas convém reproduzir aqui a conferencia com tanta fidelidade quanto me permite o desenvolvido esboço d'ella que tinha previamente traçado e a minha memoria. Alguns tem querido exagrar o caracter d'algumas de minhas proposições: é necessario restabelecer a verdade. Não me dispenso, porém, de acrescentar algumas notas que corroboram o que disse no Casino.

Sei perfeitamente que a minha conferencia me collocou sob uma luz desfavoravel para a maioria do publico; já n'outra parte o disse. O facto pessoal não me preoccupa, mas as causas permanentes d'elle lastimo-as. É exactamente contra ellas que combato em quasi todos os meus escriptos; é contra ellas que continuarei a combater, ainda que em verdade, sem grande esperanza de resultado.

A QUESTÃO DO ENSINO

MEUS SENHORES:

Venho aqui pronunciar algumas palavras, enunciar algumas proposições ácerca da questão do ensino, não tractar essa questão. Examinar alguns dos numerosissimos pontos que ella nos offerece, creio poder fazel-o e vou tental-o; analysal-a nas suas multiplices relações, em todas as suas partes seria tarefa muito superior ás minhas forças e impossivel de se realisar dentro dos curtos limites d'uma conferencia.

Os pontos da questão do ensino de que vou ter a honra de me occupar perante este auditorio são ainda assim muito complexos, muito vastos para que esses mesmos possam ser considerados detidamente. É força que me limite a exprimir hoje apenas nos seus traços essenciaes as minhas idéas sobre cada um d'elles.

Esses pontos são :

- 1.º A necessidade e fim do ensino ;
- 2.º As fórmias do ensino ;
- 3.º A materia do ensino ;
- 4.º A organisação do ensino em Portugal ;
- 5.º A natureza da reforma do ensino.

1. OUTILLO DO EXERCIZIO

MATÉRIA INTRODUTÓRIA

Este livro tem por objecto a apresentação dos fundamentos da doutrina da responsabilidade civil, e a exposição dos seus princípios e regras, com a indicação dos meios de prevenção e de reparação dos danos causados.

A responsabilidade civil é a obrigação de reparar o dano causado a outrem, e é fundada na culpa ou na negligência do agente, ou na existência de um risco que gera a responsabilidade sem culpa.

A responsabilidade civil é de natureza patrimonial, e tem por objecto a reparação do dano causado, e não a punição do agente.

A responsabilidade civil é de natureza individual, e não pode ser atribuída a uma colectividade.

A responsabilidade civil é de natureza pessoal, e não pode ser transmitida a terceiros.

A responsabilidade civil é de natureza temporária, e extingue-se com a reparação do dano.

A responsabilidade civil é de natureza limitada, e não pode ultrapassar os limites do dano causado.

A responsabilidade civil é de natureza exclusiva, e não pode ser cumulada com outras formas de reparação.

A responsabilidade civil é de natureza subsidiária, e só se verifica quando não houver outra forma de reparação.

A responsabilidade civil é de natureza acessória, e depende da existência de um dano.

A responsabilidade civil é de natureza derivada, e resulta da existência de um acto ilícito.

A responsabilidade civil é de natureza autónoma, e não depende de outro acto.

A responsabilidade civil é de natureza independente, e não depende de outro acto.

A responsabilidade civil é de natureza autónoma, e não depende de outro acto.

A responsabilidade civil é de natureza independente, e não depende de outro acto.

Este livro tem por objecto a apresentação dos fundamentos da doutrina da responsabilidade civil, e a exposição dos seus princípios e regras, com a indicação dos meios de prevenção e de reparação dos danos causados.

A responsabilidade civil é a obrigação de reparar o dano causado a outrem, e é fundada na culpa ou na negligência do agente, ou na existência de um risco que gera a responsabilidade sem culpa.

A responsabilidade civil é de natureza patrimonial, e tem por objecto a reparação do dano causado, e não a punição do agente.

A responsabilidade civil é de natureza individual, e não pode ser atribuída a uma colectividade.

A responsabilidade civil é de natureza pessoal, e não pode ser transmitida a terceiros.

A responsabilidade civil é de natureza temporária, e extingue-se com a reparação do dano.

A responsabilidade civil é de natureza limitada, e não pode ultrapassar os limites do dano causado.

A responsabilidade civil é de natureza exclusiva, e não pode ser cumulada com outras formas de reparação.

A responsabilidade civil é de natureza subsidiária, e só se verifica quando não houver outra forma de reparação.

A responsabilidade civil é de natureza acessória, e depende da existência de um dano.

A responsabilidade civil é de natureza derivada, e resulta da existência de um acto ilícito.

A responsabilidade civil é de natureza autónoma, e não depende de outro acto.

A responsabilidade civil é de natureza independente, e não depende de outro acto.

A responsabilidade civil é de natureza autónoma, e não depende de outro acto.

A responsabilidade civil é de natureza independente, e não depende de outro acto.

I

Dentro do dominio d'uma doutrina philosophica poderia provar sem replica a necessidade d'um ensino, deduzir o character que deve ter e demonstrar sem difficuldade qual a sua materia e o seu fim, mas não sendo aqui o lugar, nem agora a occasião d'expôr uma doutrina philosophica, só posso examinar esses pontos exteriormente, fundamentar as minhas idéas a respeito d'elle com uma argumentação exterior e por consequencia fragmentada, apresentando algumas proposições como simples postulados, que em verdade, creio, serão accites por todos que sobre elles reflectirem um pouco.

A necessidade do ensino considerado no seu momento elementar, como tendo por fim a mera aprendizagem, pôde dizer-se que é universalmente reconhecida; ainda mais, o ensino no seu momento elementar pôde ser considerado sem difficuldade como uma lei universal. Ha necessidade d'aprender as cousas mais simples, necessidade por consequencia do ensino d'ellas.

Desde que a creança nasce ha-de ter o ensino a seu lado, aliás succumbirá: aprende a andar, a falar, até a realizar d'um modo menos imperfeito do que o instincto (uma fôrma d'ensino, afinal) alguns dos actos mais rudimentares da vida organica. O ensino n'esta phase rudimentar não se limita ao homem: encontra-se nas especies collocadas nos grãos mais inferiores da escala zoologica. O instincto não basta para explicar, por exemplo, muitos dos actos maravilhosos da vida dos insectos: entre elles transmite-se um perpetuo ensino, incapaz de progresso, porque só o ensino do homem é capaz d'elle.

O homem entregue aos seus proprios recursos individuaes não faria mais do que repetir eternamente as lutas dos primeiros dias em que elle appareceu na terra, postas de parte as differenças resultantes das revoluções do globo; mas a experiencia dos primeiros homens converteu-se em ensino, que os que se lhe seguiram aproveitaram, e accumulando-se experiencia sobre experiencia se foi alargando o ensino, e o homem tornando-se de cada vez mais forte contra as mil forças que em a natureza conspiram contra elle.

Ao passo que as relações, as condições da vida do homem se complicam nos diversos momentos da historia, a necessidade do ensino faz-se sentir com maior força e maior extensão que n'um estado rudimentar. É evidente que o homem carece d'um ensino que corresponda na sua complexidade á complexidade do estado social em que é obrigado a viver, porque esse estado social impõe-se-lhe fatalmente, como uma força exterior que não pôde destruir nem mesmo modificar por um acto da sua vontade isolada, exactamente como no estado elementar de vida, á entrada do homem na scena do globo, a natureza se lhe

oppunha como uma força fatal que o esmagaria se elle não estudasse os meios de se defender contra ella. Sem um ensino que nos habilite a viver n'elle, esse estado social esmagar-nos-ia ; e quanto mais imperfeito fôr o ensino dado a um individuo, tanto mais sujeito elle está a ser lesado por esse estado social. D'este principio poderia tirar enormes conclusões : elle offerece-nos já por si um meio de chegar á verdadeira idéa do ensino, mas colloquemos sob outro ponto de vista que nos levará mais depressa ao fim.

N'um estado simples, rudimentar de vida, o ensino cumpriu a sua missão, e não se pôde exigir mais d'elle, quando deu ao homem meios de se defendêr materialmente e de subsistir como animal ; mas esse momento é de curta duração, se é que o homem pôde viver já uma vida puramente animal. Ao lado das necessidades materiaes fazem-se sentir no homem necessidades mais serias, mais profundas, apanagio da sua natureza psychica : essas necessidades fazem-n'o entrar na esphera, que lhe é verdadeiramente propria, da sociedade, da religião, do pensamento. N'uma palavra : o homem é chamado á vida do espirito. Quem pretender demonstrar que o homem não é chamado á vida do espirito tem que destruir a historia do passado, a contemplação do presente, e ainda assim não conseguirá fazel-o : a prova do contrario saltaria mesma da pretensão de considerar esse contrario como falso.

A sociedade, o estado é obra do espirito e para o espirito ; a religião é obra do espirito e para o espirito ; o pensamento é o espirito conscio de si, vendo-se na sua obra. É na esphera da vida espirital que se manifesta tudo aquillo porque o homem é homem.

Entre a vida material e a vida espirital ha uma

differença que salta logo aos olhos: a vida material consiste na repetição d'uma serie d'actos determinados, eternamente reproduzidos sem diferenças essenciaes em cada individuo: a vida espiritual consiste no desenvolvimento successivo e continuo d'um principio fundamental; não recomeça em cada individuo, continua-se de geração em geração; em summa, a vida material está no individuo, a vida espiritual na humanidade. É por isso que todo homem não tem d'essa vida espiritual e collectiva a intelligencia que tem da vida material e individual: membro d'um vasto systema, o systema escapa-lhe, a ponto de elle poder supôr-se isolado.

A marcha da historia, tal como ella hoje se estuda, não como uma serie de factos juxtapostos, mas como a obra da razão, e portanto como o desenvolvimento e luta na tela do mundo dos principios fundamentaes da razão, a marcha da historia mostra-nos que n'esta tudo se dirige para a consciencia da vida espiritual no homem, para o pensamento concreto; por outras palavras, na historia vê-se o espirito aproximar-se incessantemente da consciencia de si, isto é, da sua natureza, da sua independencia, do seu destino.

O homem sabe e quando não sabe, presente obscuramente que tem um destino; mas essa idéa ou esse presentimento não tem uma fôrma indefinida, abstracta, não pôde tel-a: d'ahi resulta que a idéa do destino se apresenta sempre n'uma fôrma definida.

As diversas definições que o homem dá do seu destino são os diversos grãos porque o espirito passa para chegar á consciencia de si: esses diversos grãos apresenta-nol-os a historia. Alguns exemplos farão comprehender isto.

Na China o homem comprehende o seu destino

como estando na obediencia á familia: a hierarchia patriarchal domina-o completamente.

No imperio romano o homem concebe o seu destino como estando na obediencia ao estado; a religião mesmo está aqui inteiramente subordinada ao estado: a hierarchia juridica domina o homem no mundo romano.

No catholicismo o homem concebe o seu destino como estando na obediencia aos preceitos da egreja, ou, por outras palavras, olha como verdadeira a solução que a egreja dá do seu destino: domina-o completamente a hierarchia ecclesiastica.

Em todas as sociedades ha assim um modo especial de considerar o destino do homem que é o eixo central sobre que o resto gira, porque a idéa que o homem faz do seu destino se reflecte, ou melhor, se realisa em todas as manifestações da sua actividade, em toda a sua obra: a historia inteira nol-o prova.

Tanto mais perfeita fôr a idéa que o homem fizer do seu destino, tanto mais perfeita, por consequencia, a sociedade que elle organisa d'accordo com essa idéa; ora é de interesse immediato, pura e simplesmente immediato, do homem, que viva n'uma sociedade o menos imperfeita possivel, isto é, n'uma sociedade em que elle seja tanto quanto é possivel ser, em que a sua individualidade atinja o maximo gráo de que é susceptivel.

O homem, pois, tem o seu maior interesse na questão do seu destino; por isso o espirito continuamente a revolve, continuamente lhe vae dando soluções novas, ou, melhor, desenvolvendo, aclarando, completando a solução primordial, obscura, incompleta, dada no fundo da consciencia. Mas ha n'esse trabalho incessante do espirito um phenomeno inexplicavel ao primeiro aspecto: é que esse trabalho é local,

não se opera simultaneamente em todos os individuos que constituem a humanidade, nem ao menos em todos os povos. Certo povo chega a uma concepção do destino, e muitas vezes immobilisa-se n'ella; ao lado d'elle apparece depois outro com uma concepção mais adeantada; assim fica no espaço distincto, o que o é tambem na ordem genetica.

D'isso resulta haver no mundo umas ao lado das outras tantas religiões, que não são mais do que outras tantas resoluções que o homem dá do seu destino: a reforma ao lado do catholicismo que a precedeu, o christianismo ao lado do judaismo que o precedeu; na Asia o bhudismo ao lado do brahmanismo que o precedeu. O mesmo se dá nas instituições sociaes em que, como já disse, o homem realisa a concepção que faz do seu destino; o mesmo se dá em tudo o que é resultado da actividade espiritual do homem.

É assim que vemos ainda hoje no mundo linguas no periodo monosyllabico porque todas as não monosyllabicas passaram, linguas no periodo agglutinativo puro em que estiveram tambem as indogermanicas e semiticas antes de passarem ao periodo flexivo. Esta juxtaposição no espaço do que se juxtapôz no tempo é um facto evidente.

Dentro de cada uma das nações ou familias humanas repetem-se ainda as mesmas differenças que se notam entre essas familias: nem todos os individuos d'uma familia humana em que o espirito dá um passo para a consciencia de si são arrastados simultaneamente por esse passo.

Aqui temos nós mais restricta localisação, mais completa individualisação. Vêem-se sempre as idéas novas manifestarem-se, sejam quaes forem as suas raizes n'outra parte, n'um pequeno grupo, e á frente d'esse grupo um individuo, um nome.

O trabalho do espirito adquire assim um caracter individual, facto que, bem considerado, ha-de ser de enormes consequencias no futuro. É escusado dizermos, pois é cousa elementar hoje, que esses individuos não são aparições isoladas, mas sim uma resultante de numerosas condições accumuladas. Socrates, por exemplo, com quanto pareça estar em perfeito desaccordo com o espirito da sua nação e da sua epocha, que o condemna, é em realidade uma consequencia legitima, necessaria do estado d'esse espirito, e só em vista d'este podemos explicar o grande homem.

N'estas observações está contida a base para demonstração da necessidade do ensino na sua alta e verdadeira missão. Se ha nações que concebem o destino do espirito d'um modo mais perfeito que outras, se n'essas nações, ha individuos que concebem esse destino d'um modo mais perfeito que os outros individuos, é mister que essas nações, esses individuos se tornem os mestres dos outros membros da humanidade, ou, como é impossivel que elles por si o consigam, communicuem a outras nações, a outros individuos o seu ensino para que elles constituidos apostolos o communicuem a outros, e assim indefinidamente; em summa, como todos não podem chegar por si immediatamente ao conhecimento do seu destino, é mister que os que vão caminhando n'esse conhecimento, ensinem os resultados a que chegam aos outros individuos, e que estes os apprendam d'elles, por consequencia.

O fim supremo do ensino deduz-se immediatamente d'estes principios: levar o homem á concepção mais perfeita possivel do seu destino.

Estamos sem duvida muito longe do modo de vêr vulgar e ordinario, segundo o qual, bem consideradas

as cousas, o ensino não tem por fim mais do que collocar o homem em condições de bem estar material, recrear-lhe o espirito com as curiosidades da sciencia e dar-lhe a educação intellectual que se julga prenda bonita, mas que não se sabe bem para que sirva; mas sem querer negar, o que seria vão, ao modo de vêr vulgar o vasto logar que lhe compete na rede das cousas humanas, é mister seguir o fio de nossas idéas sem nos importarmos com elle, suppôr um momento que elle não está ahí de pé e armado contra essas idéas.

II

Esse modo de vêr vulgar resulta principalmente, n'esta parte, de não se reconhecerem nem apreciarem nas suas relações as diversas fórmias do ensino.

Ora d'essas fórmias as principaes são: a arte, a religião, a sciencia. A arte não tem nada de dogmatico, nem aspira directamente ao ensino quando verdadeira arte; mas como ella se move no circulo das idéas fundamentaes da razão, o homem acha-se n'ella e crê n'ella, deixa-se influenciar por ella. É assim que a arte realisa o seu ensino.

A religião ao contrario apresenta-se como a exclusiva verdade e tende a organizar as suas concepções n'um systema dogmatico. Em quanto a arte se apresenta immediatamente como uma obra puramente humana, a religião ao contrario apresenta-se como uma obra divina; é Deus mesmo manifestando a sua vontade no mundo; d'ahi o grande poder da religião como ensino. Os seus preceitos são as palavras de Deus mesmo; que maior verdade poderá o homem es-

perar? Não conhecerá Deus o destino da creatura, não poderá elle indicar ao homem o que deve fazer para conseguir a felicidade? E depois qual é a religião que não esteja cheia das mais bellas promessas, qual é d'ellas a que não lisonjea as intimas, ainda que muitas vezes obscuras aspirações do homem?

Na religião é Deus mesmo que vem resolver ao homem o problema do seu destino.

Esse é o grande ensino, que em gráo mais ou menos perfeito se estende a toda ou a quasi toda a humanidade. Os mestres d'elle são superiores aos outros homens: são sacerdotes, prophetas, apóstolos, santos. Deus falla pela sua bocca; tem muitas vezes o dom do milagre, especie de amostra n'este mundo das maravilhas supra-mundanas.

A terceira fôrma d'ensino é a sciencia. A sciencia como a arte, como a religião, tem percorrido até hoje um grande numero d'estadios, tem realisado uma enorme evolução. Ella está fundamentalmente posta no espirito; mas de estar fundamentalmente posto a chegar ao desenvolvimento concreto, á realisação objectiva ha uma differença evidente. A idéa do justo está tambem fundamentalmente posta no espirito; mas d'ahi á sua realisação todos sabemos o que vae, praticamente, sem olhar mesmo para a historia.

«O homem deseja naturalmente saber.» São as palavras de Aristoteles ao abrir o primeiro livro da sua metaphysica; esse desejo é para o grande philosopho de certa maneira a explicação da existencia da philosophia. Hoje, com um lance d'olhos mais profundo em a natureza das cousas podemos dizer: saber é uma lei do espirito. Essa lei podemos deduzil-a philosophicamente, mas tambem experimentalmente, do estudo da historia. Em toda a parte o espirito busca a sciencia; a arte, a religião apresentam-se unidas

a dados mais ou menos obscuros da sciencia. Esta no começo não conhece o seu fim, ignora a sua importancia; trabalha mas sem norte; n'este estado o homem olha a sciencia como objecto de pura curiosidade ou d'utilidade immediata; limita-a por todos os lados. A sciencia então está inteiramente subordinada ás outras fórmulas d'ensino.

Os habitos da linguagem levam-nos a significar cada um dos diversos momentos do espirito com esta mesma palavra espirito. É assim que dizemos o espirito nacional, o espirito religioso, o espirito da arte, o espirito grego, o espirito moderno; etc. assim dizemos o espirito scientifico. Cada uma d'estas expressões importa consigo uma especie de exclusão: de modo que quando fallamos do espirito religioso devemos entender o momento em que a idéa religiosa predomina sobre outra qualquer idéa; e quando fallamos do espirito scientifico devemos entender o momento em que a idéa da sciencia predomina sobre outra qualquer idéa. A historia da sciencia não é mais que a historia das lutas pelas quaes se estabelece esse predominio no mundo. Não podemos traçar aqui essas lutas; basta-nos indicar o periodo do maior conflicto; e esse periodo, todos o sabem, é o tempo moderno, o periodo que tem por ponto de partida a Renascença e a Reforma.

Sem duvida o espirito scientifico chegou quasi a apparecer na India, manifestou-se na Grecia em Socrates, Platão e Aristoteles; mas nós sabemos as concessões que estes tres grandes homens fizeram ao espirito não scientifico que pesava sobre elles; a sua acção ficou em parte por essas concessões, mas principalmente porque os tempos ainda não eram vindos para a realisação da idéa da sciencia, como que inutilizados durante seculos para vir depois servir de base á grande

revolução do espirito no mundo moderno. Aristoteles e Platão são os verdadeiros fundadores da sciencia moderna.

A affirmação fundamental do espirito scientifico é esta: nenhuma verdade é possível fóra da razão individual. Esta affirmação é simplicissima; quando o espirito chega a ella parece-lhe impossivel crêr n'outra cousa; pois bem essa affirmação nós sabemos todos quanto custou e quanto ha-de custar ainda. Foi pouco e pouco que ella se formulou; depois foi balbuciada timidamente, e hoje ainda e amanhã ainda estão pendentes sobre ella anathemas e perseguições.

Porque?

Porque o espirito nas epochas que precederam aquella em que elle se apresenta como espirito scientifico, e sem as quaes elle não podia chegar a este estado, tinha creado todos os obstaculos, forjado todas as cadeias que devia ter que quebrar depois. Aqui nos apparece aquella juxta-posição de que ha pouco fallei.

A maior das lutas que o espirito scientifico tem que sustentar é contra o espirito religioso, e escuso de vos dizer que fallo sobretudo do espirito religioso exclusivo, predominante, realisado em instituição, inconciliavel portanto com tudo que seja superior a elle, a igreja, n'uma palavra.

Ainda o espirito scientifico estava bem timido e, já elle lançava esta luva de desafio á face do catholicismo, pela mão de Galilen.

«A theologia tem por fim as mais altas contemplações divinas e, pela sua dignidade propria, occupa o logar supremo d'uma primeira auctoridade. Pois que não desce ás especulações mais humildes e mais modestas das sciencias inferiores e mesmo não tracta d'ellas, como de cousas que não dizem respeito á salva-

ção, os professores de theologia não deveriam arrogar a si o direito de passar decretos relativos a sciencias que elles nem praticaram nem estudaram, porque seria o mesmo que se um principe absoluto, sabendo que pôde fazer-se obedecer á sua vontade, quizesse, sem ser medico nem architecto, que se curasse e se edificasse á sua maneira, com grande perigo de vida para os pobres doentes e d'uma ruina imminente para os edificios.»

E n'outra parte :

« Nenhuma creatura tem o poder de fazer que proposições sejam falsas ou verdadeiras e de as tornar diferentes do que ellas são pela sua natureza ou do que ellas se acham ser de facto. Parece-me que é mais prudente certificarmo-nos primeiro da verdade necessaria e immudavel do facto, verdade sobre a qual ninguem tem dominio, que ir sem essa certeza condemnando uma das opiniões, privarmo-nos do direito de poder escolher entre ellas com conhecimento de causa.»

A igreja apanhou a luva que lhe era directamente dirigida e que não era a primeira nem a ultima, e continuou a sua luta indefessa contra o espirito novo. Bem depressa a audacia d'este devia tornar-se mais forte, talvez vendo que se iam debilitando as forças do adversario: o espirito scientifico negou á religião o seu character divino, no sentido que se dá em geral a esta palavra *divino*. A religião para elle é uma obra humana, no sentido profundo mas litteral da palavra. Assim se na religião ha verdade é unicamente a que o homem lá põe.

O espirito scientifico inventa então uma cousa prodigiosa, para a qual não ha anathemas bastantes na igreja — a critica das origens rëligiosas; busca colher o maior numero de dados possivel ácerca de to-

das as religiões do mundo e na sua audacia acha que todas ellas não são mais que a realisação da mesma idéa fundamental, e que entre ellas só ha differenças de grão de desenvolvimento d'essa idéa. É sem duvida um momento solemne na historia aquelle em que o espirito que julgara tanto tempo estar communicando directamente com Deus, ser guiado pela sua mão, se acha quasi de subito só com a sua razão; mas esse momento deu-se; sejam quaes forem os seus resultados deu-se: esse resultado impõe-se-nos. Quem julga que essas idéas são filhas do capricho d'alguns homens, doutrinas com que elles (não se diz para que) querem destruir a ordem e a felicidade dos povos (que não tem ordem nem felicidade), engana-se ou quer enganar. O espirito scientifico é um resultado logico do passado, uma força prodigiosa destinada a transformar as sociedades: cada dia conquista novos proselytos. Poderia apresentar aqui milliares de provas da extensão que elle vae alcançando: contentar-me-hei em apresentar uma.

No seu discurso sobre a petição de liberdade de ensino apresentada em 1868 no senado francez, disse o moderado Sainte-Beuve :

«Ha segundo uns, uma diminuição assustadora nas crenças; segundo outros uma recrudescencia consoladora. Tenhamos em vista todavia, que na linguagem official, toda a gente tem apparencia, faz profissão exterior de crêr, em quanto a grande maioria avança todavia (muito lentamente, é verdade) no que se póde chamar o senso commum. Ha sem duvida muitas correntes contrarias, e redemoinhos, mas emfim a maré geral (quer se ache isso bom, quer máo) parece subir irresistivelmente. Ora, qual é, se m'a perguntam, a definição do senso commum? Direi que se não define; mas se fosse necessario, definil-o-hia na

sua maior generalidade uma diminuição crescente da crença no maravilhoso, no sobrenatural, — ou, se quereis, o *minimo* da crença no sobrenatural. Esse estado que é o do maior numero, que, se não é a não-crença absoluta, é um estado d'exame mais ou menos livre, mais ou menos racional e profundo, com todos os seus resultados e suas consequencias, esse estado, ouso dizel-o, é inteiramente legal desde 1789: tem direito de ser reconhecido e respeitado. Mas é habito, direi mesmo moda, injuriar essa disposição d'espírito em todas as reuniões, nas solemnidades publicas, pintal-a como uma desgraça, como uma inferioridade moral deploravel. Não discutirei aqui esse lado da questão. Ouvi dizer sómente a mais d'um espirito convencido e firme que pensar d'esse modo e á medida que se subia mais alto no mundo da razão, não era sentir-se inquieto e soffrer era antes gozar da paz e tranquillidade.)

Estas palavras pronunciadas deante de reaccionarios declarados, de alguns bispos, no senado d'um paiz em que o catholicismo é a religião do estado, mostram-nos a força que o espirito scientifico sente já em si, e medem-nos o campo que já ganhou.

Chegamos áquelle periodo da historia, em que é a razão como tal, não disfarçada, não indirecta, que vem indicar ao homem os meios de estudar a questão do seu destino e dizer-lhe que só n'ella pôde confiar.

É uma como que retractação da razão, porque o passado é tambem obra da razão, retractação sublime que assusta tantos milhões d'almas horrorisados com acceitar a idéa da responsabilidade de pensar livremente; mas a verdade é que mais ou menos clara, mais ou menos francamente, essas affirmações do espirito scientifico se manifestam hoje:

Na philosophia,
Na historia,
Na philologia,
Nas sciencias sociaes e moraes,
Nas sciencias naturaes.

Muitos suppõem trabalhar na sciencia fóra d'ellas, mas trabalham sob o seu dominio indirecto, e graças a ellas. O astrónomo, por exemplo, catholico, protestante, pantheista, atheo, materialista, ou outra qualquer cousa, funda todas as suas theorias sobre uma base negada como falsa pela egreja. Em summa até a propria religião se deixa dominar pelo espirito scientifico procurando a todo o custo, á força de mil exforços, conciliar alguns dogmas com a sciencia, já que não pôde conciliar a sciencia com os dogmas.

O sabio não tem sem duvida a aureola que rodêa o fundador religioso: é um homem e só pretende ser homem; real como nós, amigo, pae, irmão, cidadão; falta-lhe mesmo toda a grandeza transmudana do santo, que só por si convence.

Não pôde aspirar a que se lhe erijam altares, mas tem as suas estatuas nos pantheons, ou nas praças, ao ar livre, coberto com o céu, e para ellas serem erigidas cotisam-se, não os fleis, com a esperanza d'um milagre que os salve d'uma doença, mas os cidadãos gratos pelo bem que elles já lhes fizeram.

É verdade que a sciencia tem tambem as suas thebaidas, os seus martyres, os seus apóstolos!

E que longa lista! Vêde Anquetil du Perron, abandonando a patria e uma vida socegada, alistar-se como simples soldado nas tropas da India, sacrificar o seu repouso, arriscar a sua vida, para ir a Guzaratte salvar os restos dos livros sagrados de Zoroastres e trazer, miraculosamente, á Europa, esse documento necessario á consciencia do espirito.

E Alexandre Csœma de Kœrœs, esse hungaro heroico, que parte de sua patria a pé, sem meios alguns, com a aspiração de descobrir na Asia Central a habitação primitiva dos hungaros; chega ao Tibet, estuda a lingua d'esse paiz, ainda então desconhecida na Europa, lança-se com ardor ao exame da enorme litteratura budhica escripta n'essa lingua; sahe d'alli carregado de noticias e extractos preciosos, marcha a pé, para a India, onde chega quasi morto de fome e de febre! O martyrologio da sciencia póde apresentar, a começar por Socrates, muitas d'estas dedicações.

Em vista d'esta nova phase do espirito, que não se póde negar nem destruir, que se deve fazer? Curvarmo-nos á nova fórma d'ensino, como nos curvamos ao ensino na sua antiga fórma? Tractarmos de realisar na sociedade a idéa de destino que ella nos possa ensinar? A sciencia responde que é uma obra puramente humana, o producto da razão individual, que não se impõe por consequencia; não quer a fé finalmente: quer a discussão; quer a certeza que resulta do exame.

A religião aceita-se; não se discute. O homem acha n'ella a verdade immediatamente, pela conformidade que ha entre ella e a sua razão na fórma obscura do sentimento: crê. A fé é como um laço. *Fides* vem, como demonstra a linguistica, d'uma raiz *bhidh*, ligar, fundamentalmente identica á raiz da nossa palavra *banda*, que veiu do germanico; em allemão, por exemplo, ha *binden*, ligar. Ora d'accordo com o desenvolvimento da idéa da liberdade, phase ou aspecto da evolução da consciencia do espirito, o homem deve quebrar esse laço e subir á esphera da sciencia. *Scire*, saber, parece vir d'uma raiz *ska*, que significa mover-se, ir.

A sciencia não póde mandar; só póde aconselhar

ao homem que quebre o laço da fé momentaneamente, pelo menos; que se mova; que seja livre no seu pensamento, no interior de si mesmo, porque só assim poderá começar a realizar a verdadeira idéa de liberdade; que estude, examine as demonstrações que ella apresenta e julgue por si, e volte á fé então se o entender. Em summa, a sciencia é pura e simplesmente individual, ou obra da razão individual.

A minha sciencia sou eu que a faço, sou eu que a construo; é por ella que eu hei-de chegar ás soluções a que aspiro; os outros fornecem-me idéas, materiaes unicamente para eu construir a minha sciencia, idéas e materiaes que me são absolutamente indispensaveis, mas que eu não acceito sem os discutir; se o que acceitar fôr falso, a culpa é só minha; a minha obra ficará imperfeita, mas ainda assim eu devo prezal-a porque é a minha obra, e eu sou o unico responsavel por ella.

D'estes principios deduziria eu sem difficuldade a theoria da liberdade que creio verdadeira, se tal fosse o meu fim; seria tambem importante examinar a maneira porque elles se realisariam na pratica, mas dentro dos limites da minha questão especial não posso ir mais longe.

Uma conclusão que se tira immediatamente do que disse, é que não ha ensino da sciencia, porque isso seria confundir a sciencia com dogma, porque além d'isso ficará então destruido o character individual da sciencia; e porque a sciencia ainda não está feita em todas as suas partes ha, rigorosamente consideradas as cousas, unicamente ensino scientifico: isto é, ensino d'accordo com o espirito scientifico ou idéa fundamental da sciencia attinente a levar o homem á concepção individual da sciencia, e por consequencia do seu destino.

Tal é o fim capital do ensino.

Um outro tem elle ainda inteiramente subordinado a esse: deve fornecer ou indicar ao homem os meios de realizar a sua concepção do destino.

N'uma palavra, o ensino versa sobre a questão theorica e pratica do destino do homem. Isto leva-nos á consideração da materia do ensino.

III

Qual a materia do ensino? A resposta não é difficil de dar-se: o ensino deve ter por materia a totalidade dos ramos de conhecimentos theoricos e praticos, porque não ha um só d'esses ramos que, bem estudado, não possa servir aos fins do ensino. O desenvolvimento d'esta these consistiria no exame dos diversos ramos de conhecimentos para mostrar que realmente todos elles podem servir aos mencionados fins, mas não podendo desenvolver este ponto, limitar-me-hei a indicar succintamente o gráo d'importancia d'algumas sciencias.

Não fallarei na philosophia, cuja importancia é logicamente indiscutivel. Em quanto á importancia das sciencias especiaes, é ella evidentemente proporcionada á do seu objecto. As sciencias sociaes, as historicas e as philologicas que se occupam das manifestações do espirito, da sua actividade, etc., teem por consequencia muito maior importancia que as sciencias naturaes, tanto maior importancia quanto maior é a que tem o espirito sobre a natureza.

Em verdade em Portugal não se comprehendem as cousas assim. Aquelle aphorismo de Vico: *philosophia e philologia bases de toda a sciencia*, não tem

sentido para a maioria dos que se pretendem illustrados em o nosso paiz. Dá-se entre nós muito maior importancia ás sciencias mathematicas e ás naturaes que á philosophia, ás sciencias historicas e philologicas. Muitos dos nossos estudantes de mathematica e sciencias naturaes fallam até com desprezo de investigações historicas e philologicas, que não sabem para que sirvam. Para a enorme maioria, tirando o que da jurisprudencia e do estudo das linguas é necessario ou conveniente para a vida pratica, tudo o mais é olhado como objecto de pura curiosidade nas sciencias do espirito e suas manifestações.

A theologia deve o seu respeito a ser cousa consagrada pela egreja.

Ha razão para isso: não se pensa, não se reflecte. Ora quem nem pensa, nem reflecte vê claramente o que sahe d'uma pilha electrica, d'uma machina de vapor, mas não verá nunca o que possa sahir d'uma discussão sobre a formação dos poemas homericos ou sobre a antiguidade do Rig-Veda.

Estou convencido de que os nossos estadistas na sua incapacidade de vêr o que deviam vêr só por consideração pela tradição e pelas outras nações, é que deixam no quadro do ensino o que não offerece uma applicação pratica immediata; nas reformas que desde a revolução liberal elles teem feito, em Portugal, na instrucção publica que consideração teem dado á philosophia, e ás sciencias historicas e philologicas? Reduziram em vez d'alargar, mas em compensação crearam-se escólas em que se estudam as sciencias naturaes e suas applicações, algumas das quaes teem sido condemnadas por inuteis¹. Um ministro, se-

¹ A fundação do Curso superior de Letras é devida, como todos sabem, á iniciativa d'um monarcha.

gundo se disse, ainda ha poucos annos quiz tornar o estudo do latim não obrigatorio para a maior parte dos cursos superiores.

No decreto de 1836 reformando a instrucção secundaria lêem-se as seguintes palavras que mostram a verdade das intenções que attribuímos aos nossos estadistas, embora ellas não se revelem francamente: « O systema actual (da instrucção secundaria) consta na maior parte, d'alguns ramos de erudição esteril, quasi inutil para a cultura das sciencias, e sem nenhum elemento, que possa produzir o aperfeiçoamento das artes e progressos da civilisação material do paiz. » — « Não pôde haver illustração geral e proveitosa, sem que as grandes massas de cidadãos, que não aspiram aos estudos superiores, possuam os elementos scientificos, indispensaveis aos usos da vida no estado actual das sociedades. » Nem uma palavra por onde se revele que o ministro comprehendia a verdadeira importancia dos estudos que não são *indispensaveis aos usos da vida*, ou dos estudos que não servem para a cultura das sciencias que constituem a materia dos cursos superiores entre nós, taes como elles estão organisados. E esse ministro era Passos Manuel; para os tantos inferiores a elle que se lhe seguiram ainda as cousas deviam ficar mais obscuras.

As sciencias naturaes deve-se muito, é innegavel, e ha ainda que esperar muito d'ellas no dominio da theoria e da pratica. Não só (à parte o seu valor absoluto) os seus descobrimentos teem sido d'enorme beneficio para a humanidade, tendem todos os dias a melhorar as condições sociaes e hão-de acabar, talvez, por fim, com o homem-machina mas tambem foi por ellas principalmente que o espirito moderno começou a emancipar-se da auctoridade, e, vendo a ordem inabalavel das cousas, entrou na critica do sobrenatural; demais o seu methodo

d'exame paciente, d'analyse miuda, de experiencia, de observação, de comparação, de classificação, as idéas de geneagenese, de metamorphose ou metamorphismo que n'ellas nos apparecem, deram ás sciencias historicas e philologicas uma direcção nova. N'este sentido a sua importancia é principalmente historica. Mas a philosophia, as sciencias sociaes, as historicas e as philologicas fornecem immediatamente ao espirito os materiaes organisados que o levam á consciencia de si; deante d'ellas as sciencias naturaes apparecem como meras subordinadas.

Estas observações que o tempo me força a não desenvolver, fornecem a base para uma critica da nossa instrucção publica, instituição que tem a pretensão de preparar os espiritos para receberem o ensino scientifico e dar-lhes esse ensino.

No exame rapido que passo a fazer do estado da instrucção publica entre nós serei severo, d'uma severidade a que n'este paiz não se está acostumado. Direi cousas duras, a maior parte das quaes se dizem baixo, mas que é mister alguém ter a coragem de dizer alto para vêr se algum passo se dá para remediar os males a que ellas se referem. Sei que hei-de desagradar: a verdade desagrada sempre; mas esta consideração não me faz hesitar.

IV

Lembremo-nos em primeiro logar de que estamos n'um paiz em que o catholicismo é a religião do estado imposta materialmente á consciencia de todos os que são portuguezes: o espirito scientifico é pois aqui repellido de tudo o que estiver sob a acção immediata do

estado, perseguido fóra d'elle: se um ou outro individuo isolado tenta introduzil-o, os seus esforços são facilmente suffocados. N'uma palavra, a investigação livre da verdade é impossivel em Portugal. Em resultado d'este facto o ensino official portuguez reduz-se em toda a parte, sem excepção alguma, á aprendizagem, á *dressage*, como dizem os francezes, á *verbiage*, a adornar os espiritos com noções vagas, superficiaes, desconnexas, e a dar-lhes a conhecer os preceitos uteis na pratica immediata. E nem d'outro genero podia ser o ensino official entre nós, desde o momento em que n'elle falta completamente o espirito scientifico. Esse ensino não aspira a mais, não pôde aspirar a mais, a religião do estado lh'o impede.

Ora n'estas condições a philologia reduz-se necessariamente ao estudo pratico d'algumas linguas, das linguas de primeira necessidade, de necessidade por assim dizer material, e os monumentos litterarios d'essa lingua serão lidos como meio para as conhecer; o estudo da litteratura, á rhetorica, á arte de metrificacão, ás apreciações d'estylo, e a juizos puramente subjectivos sobre o merito dos auctores;

O estudo do direito ao que possa ser util no exercicio da banca, do foro, e das funcções administrativas; o resto será olhado como secundario ou inteiramente inutil;

O estudo das sciencias physicas, chimicas, mathematicas aspirará quasi exclusivamente ás applicções praticas, e olhal-as-ha como o fim capital;

O estudo da medicina terá como fim a clinica. Tudo o que não se dirigir a esses fins, tudo o que não entrar n'esse quadro mesquinho será esporadico e incongruente. As grandes questões da sciencia são postas fóra do quadro do ensino, porque precisamente o ensino das sciencias pretendendo ser subordina-

do ás crenças religiosas, e a religião fornecendo uma solução d'essas questões, é inutil húsca-lhes uma outra ¹. E ainda assim acanhado, miseravel, sem consciencia de si, esse ensino é o resultado de concessões mutuas entre o espirito religioso e o espirito scientifico. Tal é o ensino publico em Portugal, ensino irracional, hybrido, entregue ao acaso e ao arbitrio, forçado portanto a reduzir-se á aprendizagem e á rhetorica, ao ornato oratorio, e isto fatalmente, fóra da vontade dos individuos que dão esse ensino, que não tem vontade dentro d'uma constituição que lhes impõe o que devem crêr e pensar. Não absolverei apesar d'isso esses individuos sem restricções. Os que erêem sinceramente que as cousas assim vão bem, ainda a meu vêr teem desculpa na cegueira da sua convicção; mas aquelles que nos dizem á bocca pequena que as cousas assim vão mal e não teem a coragem de lutar praticamente contra ellas, esses membros do professorado portuguez que nos dizem em conversa que a instrucção publica está uma miseria e que serão os primeiros a acarretar lenha para a fogueira de quem ousar atacar lealmente, em publico, essa instituição de que vivem, esses não tem a meu vêr a minima desculpa, e não a tem porque a consciencia, onde existe, acha sempre uma taboa para salvar a dignidade.

¹ A questão da absoluta impossibilidade d'uma conciliação entre a sciencia e a religião salta aos olhos de todos os que teem um pouco de bom senso; mas infelizmente o bom senso, os espiritos racionadores são rarissimos. É evidente que os dogmas catholicos fornecem solução para todos os grandes problemas scientificos; para que pois a sciencia? para que reagir contra o que está estabelecido na Biblia e nas decisões dos concilios? As investigações ethnographicas e linguisticas são heresias: o Genesis fornece quanto é necessario saber sobre a origem das raças e das linguas. Os geologos são hereticos, porque o grande phenomeno da criação se acha explicado no mesmo livro de Moysés; as sciencias sociaes são heresias porque o homem só deve tractar da sua salvação. Como explicar pois a contradicção que existe na pratica senão pelo estado illogico dos espiritos e das sociedades, que fazem concessões simultaneas á tradição e á revolução?

Desçamos agora a especialidades.

Não fallarei detidamente sobre cada uma das divisões da nossa instrucção publica; não fallarei hoje da instrucção primaria: a importancia d'este ponto obriga-me a tractal-o n'uma conferencia especial. N'essa conferencia discutirei a questão do ensino religioso e tractarei de mostrar as bases d'uma educação moral d'accordo com o espirito scientifico, para tranquillisar os espiritos timoratos que crêem que os dogmas religiosos são a base de toda a moralidade e da propria sociedade, em contradicção com os resultados mais elevados das sciencias historicas e sociaes.

Fallarei apenas em especial do ensino secundario e de dous corpos docentes superiores: a Universidade e o Curso superior de letras. O tempo força-me a restricções.

O estado geral da instrucção secundaria traça-se em poucas palavras.

O ensino das linguas é menos que elementar.

O ensino do portuguez, introduzido nos lyceus pela reforma de 1860, volta continuamente sobre o mesmo ponto—a analyse grammatical, crismada ás vezes com o nome pomposo d'analyse philologica; junta-se a isto ha pouco, n'alguns lyceus pelo menos, algumas noções ridiculas d'uma cousa a que chamavam poetica. No primeiro anno a creança apprende o que já apprendera na instrucção primaria, com um desenvolvimento um pouco maior apenas, e tanto que a mesma grammatica por onde estudam na aula de portuguez é n'algumas partes aquella por onde estudam na instrucção primaria ¹.

¹ Vid. por exemplo: *Nova grammatica portugueza por Bento José de Oliveira. Para uso dos alumnos das escolas de instrucção primaria e dos que se habilitam para o exame de portuguez.* Coimbra, 1862. Ha pelo menos outra edição posterior.

Nem uma unica noção scientifica sobre a origem da nossa lingua, e sua historia, os seus elementos etymologicos; nem a maior parte dos professores sabem nada d'isso, nem os redactores de programmas. É verdade que no programma do curso de portuguez, publicado ultimamente, manda-se ensinar as creanças a dividir as palavras em prefixo, raiz e suffixo; pondo de parte a inexacção da redacção, pareceria que se queria significar que se ensinasse a decompôr uma palavra portugueza nos seus elementos morphologicos, o que exigiria profundos conhecimentos de linguistica, que nenhum professor de portuguez tem em Portugal, mas o redactor do programma teve sem duvida em vista uma divisão arbitraria e inscientifica das palavras. O ensino do portuguez como está actualmente organizado, e apesar do programma, não dá afinal de contas aos estudantes conhecimentos theoreticos e praticos da nossa lingua verdadeiramente superiores aos que elle obtinha antes da creação d'esse ensino.

O ensino das linguas antigas é vergonhoso. Os estudantes fazem os seus exames e quando entram para as escholas superiores não estão (salvas algumas excepções de cada vez mais raras) habilitados para traduzirem uma pagina d'um auctor latino, e muito menos para traduzir tres linhas d'um auctor grego.

O estudo do grego demais não é obrigatorio, e cifra-se em decorar alguns principios de grammatica e a traducção d'alguns dialogos de Luciano e d'alguns versos d'Homero, salvas as variantes. Com isso faz-se exame e fica-se approvedo, mas nem tanto é necessario.

Em Coimbra vi muitos estudantes que nem o alphabeto grego conheciam habilitarem-se para o exame d'essa lingua em 8 dias.

Em latim ensinam-se erros crassissimos, regras

grammaticaes que nunca foram observadas por nenhum auctor latino, fazem-se reter na memoria dos estudantes fórmãs, como um imperativo em *minor*, que são verdadeiras chimeras grammaticaes, e dão-se preceitos ineptissimos para a versão.

O ensino das linguas estrangeiras vivas não é menos mesquinho que o das mortas. Os estudantes que n'esta parte se contentam com o que lhes ensina o lyceu, ou o collegio para os preparar para os exames no lyceu, confessam ingenuamente que fizeram os seus exames d'inglez ou d'allemao, mas que não sabem traduzir uma pagina do mais facil dos auctores d'essas linguas, sem primeiro a estudarem, e isto no dia immediato ao do exame.

O francez aprende-se melhor por ser mais facil, mas a grammatica d'essa lingua é estudada superficialmente, e os estudantes sahem dos lyceus inhabeis para escrever uma carta com alguma correcção n'essa lingua. Os programmas ultimamente publicados pretendem alargar o ensino das linguas vivas; mas, suppondo mesmo que esses programmas estavam bem feitos, hypothese que não se dá, é mister observar que nunca passarão de programmas. Não é no papel que se devem alargar os quadros do ensino, mas na pratica; ora é actualmente impossivel fazer isto porque a maior parte dos professores publicos de linguas vivas carecem das habilitações necessarias para darem um ensino d'essas linguas tal como elle deve ser. Poderia citar documentos que o provam.

O ensino da historia nos lyceus é miseravel. Em primeiro logar é impossivel que em 130 lições, o maximo das que pôde haver no tempo destinado para isso, se deem de historia universal, chronologia e geographia noções que não sejam inteiramente superficiaes. Essas noções em quanto á historia, reduzem-se

a uma serie de nomes e datas, de factos destacados entre os quaes não se vêem as relações organicas.

Os professores de historia dos lyceus fazem ás vezes peor do que dar essas imperfeitas noções: perdem o tempo a contar anedotas insignificantes para divertirem os seus discipulos e mostrarem a sua erudição e espirito. O estudante aprenderá sem duvida, que Fulvia espetou uma agulha na lingua de Cicero, ouvirá por miudo a narração das atrocidades de Nero, e outras cousas semelhantes, mas nem uma palavra sobre o espirito geral do mundo romano, sobre o logar d'aquella grande civilisação na historia do mundo, sobre os laços que nos estreitam a ella. Em alguns dos nossos lyceus ensina-se ainda que Tubal fundou Setubal, e se duvidassem podia appresentar provas, que Affonso Henriques foi proclamado rei nas Côrtes de Lamego, e que Christo lhe appareceu no Campo d'Ourique. Estes factos caracterisam com mais eloquencia que tudo o mais que podia dizer o estudo do nosso ensino secundario, porque elles demonstram todos incapacidade completa d'apreciar os resultados puramente de detalhe, sem character nenhum dogmatico, das sciencias historicas. Os espiritos entre nós estão tão pouco aptos para comprehender os resultados d'estas sciencias como o estavam na Europa inteira no seculo xvii para comprehender os resultados das sciencias naturaes que se formavam. O systema de Copernico, para citar um exemplo conhecido, demonstra-se simplesmente pela observação. Mas todos sabemos que enormes difficuldades teve com que lutar esse systema para ser reconhecido como uma verdade.

O mesmo se dá hoje com os grandes resultados das sciencias historicas. Parece-nos hoje simplicissimo que a terra gire em torno do sol; deixae passar mais algumas gerações e então parecerá simplicissi-

ma, clara, evidente a christologia de Strauss, que occupa na sciencia das religiões o mesmo logar que o systema de Copernico na astronomia, que, se assim posso exprimir-me, estabelece exactamente como o systema de Copernico uma mudança de centro de gravitação: na theologia tradicional é Deus que gravita sobre o centro humano, immovel pelo peccado; no systema straussiano Christo é a humanidade que gravita sobre o centro Deus.

Mas quanto estamos longe dos nossos lyceus! Voltemos a elles.

O ensino da philosophia é n'elles ainda inferior, se é possível, ao das outras sciencias. Que triste cousa é esse montão informe de definições sem nexos, collidas aqui e acolá, onde ora nos apparece um fragmento de philosophia escolastica, ora um bocadinho de Condillac, uma idéa de Locke, mais além uns farrapitos de Julio Simon, Balnes, Saisset, e extractos d'um livro para uso dos indoutos intitulado um *Milhão de factos*, a que entre nós se chama philosophia racional! É com esses e similliantes ingredientes desconexos que se prepara o alimento philosophico do espirito dos alumnos dos nossos lyceus. Que enormissima responsabilidade a dos que estropiam a razão de centenares de creanças, ensinando-lhe e fazendo respeitar sob o nome de philosophia noções superficialissimas e sem subordinação organica, preceitos empiricos sem importancia alguma, junto com cousas das mais desgraçadas que a miseria humana tem produzido! Não declamo, digo a verdade, e vou proval-a com alguns exemplos.

N'um compendio de philosophia adoptado em alguns dos nossos lyceus ensina-se entre outras cousas d'egual valor:

Que «os sentidos são órgãos»;

Que «cada sentido deve limitar-se ao objecto, que lhe é proprio; aliás é facil errar».

Assim pois não se deve applicar o olfato para vêr, nem a vista para cheirar, nem o ouvido para apalpar, etc.; aliás é, não absolutamente impossivel alcançar bom resultado, mas simplesmente facil errar. Não se póde interpretar d'outro modo esta passagem.

No mesmo livro ensina-se que para conciliar a attenção, para bem attender «devemos fugir do que nos possa distrahir; porque, tirada a causa cessa o effeito»; o que equivale a dizer que para conciliar a attenção devemos conciliar a attenção.

Segundo esse livro a dialectica é apenas a arte de discutir. N'essa parte da sciencia philosophica apprende-se que nas disputas são necessarias um arguente e um defendente, que em certas discussões acresce um presidente e que este tem por fim enca-minhar e elucidar a questão, chamar á ordem o disputante que se houver excedido, conceder a palavra a quem a tiver pedido, etc. E é isto, senhores, o que se entende por philosophia em o nosso paiz!

Que enormes conclusões não tenho eu o direito de tirar d'estas premissas que podem encontrar no caso de duvidarem da minha palavra nos *Elementos de philosophia racional* do snr. Dr. João de Sousa Doria! Tenho todo o direito de concluir:

Que os professores que ensinam por um tal compendio são indignos pela sua ignorancia e falta de senso d'occuparem um logar no magisterio;

Que os lyceus que adoptam um tal compendio perderam inteiramente a consciencia da sua missão:

Que o estado que não obsta a que a missão do ensino esteja em taes mãos é um estado inintelligente;

Que as gerações educadas no respeito de taes li-

vros e de taes professores só por milagre conterão alguns individuos que tenham bom senso.

As conclusões são inabalaveis, porque as bases não podem negar-se.

O ensino da rhetorica e principios de litteratura, como se faz em nossos lyceus concorre ainda para o mesmo fim que o da historia e o da philosophia. Nenhuma theoria, nenhuma tendencia mesmo para uma theoria da eloquencia e da poesia; definições, só definições e phrases sem significação, sobre elocução, estylo, tropos, etc.; noções banaes de poetica. O compendio de historia de litteratura classica e portugueza adoptado na maioria dos nossos lyceus é um documento de ignorancia e estulticia não só de quem o fez, mas de quem o approvou e de quem o adopta. O snr. Alvzro Rodrigues d'Azevedo, no seu *Esboço critico* mostrou bem o que tal compendio é; dispenso-me por isso de entrar aqui no exame d'elle.

O ensino das sciencias naturaes e mathematicas nos lyceus como nas escholas superiores não é tão imperfeito como o das outras sciencias; mas nota-se em toda a parte n'elle uma falta completa de direcção organica e philosophica.

A mathematica reduz-se unicamente ao estudo das regras e operações do calculo, trabalho quasi exclusivamente de pratica e de memoria; nas sciencias naturaes attende-se unicamente a fixar na memoria os theoremas, as formulas, as classificações e a descripção dos apparatus usados nas experiencias e a descripção das experiencias.

O ensino dos nossos lyceus reduz-se portanto a meros exercicios de memoria.

A Universidade é o mais vasto de todos os nossos corpos docentes e sob todos os pontos de vista o mais importante.

O seu passado teve epochas de gloria. Houve ali sempre representantes dos movimentos nacionaes; de lá partiram mesmo revoluções. No seculo XVI, sobretudo, foi grande o esplendor da Universidade e do Collegio das Artes, creado por D. João III, e estreitamente unido a ella. Tivemos lá humanistas de reputação europêa. Estrangeiros e portuguezes trabalhavam ahi com indefessa actividade e larga intelligencia. Quem não conhece, ou melhor, quem fóra d'um pequeno numero, conhece hoje os nomes de Nicolau Clenardo, Diogo de Teive, Ayres Barbosa, Fabricio, Luiz Teixeira, André de Gouvêa, Peruchi Morgoveja, Marcos Romeira, Ayres Pinhel, Thomaz Rodrigues da Veiga, Jorge Coelho, Jorge de Sá, Pedro Nunes? Esqueceu-se por ventura já que Ayres Barbosa foi o verdadeiro iniciador na peninsula dos estudos hellenicos? Foi na epocha de maior esplendor da Universidade e do Collegio das Artes que D. João III lhe deu o golpe de morte confiando o segundo aos jesuitas e nomeando visitador e reformador da primeira uma creatura sua. Isto deuse, como sabem todos, em 1555 Pouco e pouco os jesuitas foram invadindo a Universidade, perseguindo com guerra de morte os que n'ella oppunham a dignidade e consciencia ao seu predominio e comprando os que tinham consciencias venaes. Em 1598 a Universidade pertencia-lhe já completamente.

Foi prodigiosa a ignorancia em que então se cahiu; dir-se-hiam voltadas as chamadas trevas da edade media, se de certo modo, não fosse cousa ainda peor.

A consideração que Portugal tinha gozado na Europa perdeu-a completamente então e os estrangeiros julgaram-nos um povo de ignorantes e o que é peor de idiotas, juizo sem duvida muito exclusivo, mas que applicado a tudo o que obedecia á organização da

sociedade, e que vinha a ser a grande massa da nação, era perfeitamente verdadeiro.

Na oração recitada no 1.º de julho de 1780 na Academia das Sciencias de Lisboa ha as seguintes palavras:

«Que admirados ficaríeis, senhores, se soubesses quam vil é o conceito que mesmo os estrangeiros fazem injustamente de nós. Quando lá fóra apparece casualmente algum portuguez de engenho mediocre, admirados se espantam como de phenomeno raro. — E como assim? (dizem) de Portugal? do centro da ignorancia? — Assim o cheguei a ouvir. — E aonde estão os vossos livros? me perguntavam; aonde os auctores? as vossas Academias? os vossos descobrimentos? As gazetas litterarias que correm guardam do vosso reino o mesmo silencio que de Marrocos. Ouvindo estes injustos opprobrios, os olhos se me fechavam com pejo, emmudecia a lingua, e a face se me cobria de confusão¹.»

O novo *Methodo d'estudar* viera mostrar a chaga; o marquez de Pombal pretendeu cural-a. Todos teem ouvido fallar na reforma que este estadista fez na instrucção publica e principalmente na sua reforma da Universidade; ninguem, creio, estudou ainda a fundo a natureza e effeitos d'essa reforma.

O que é verdade é que a reforma do marquez não introduziu nenhum principio novo no ensino: o que estava nas mãos do jesuita passou pura e simplesmente para as mãos d'elle; o professorado não é mais que um instrumento facil de mover nas mãos omnipotentes. Os professores ficam reduzidos á condição de tititeres a quem elle puxa os arames segundo melhor

¹ Theophilo Braga, *Historia da litteratura portugueza. Introducção*, p. 338.

lhe parece. Os celebres estatutos da Universidade são largos, sumptuosos, pomposos em quanto á fórma; em quanto ao fundo aniquilam a minima perspectiva de liberdade para o professor, immobilisam o ensino. Uma cousa porém se lhe deve: a reforma, ainda que acanhada pelo typo traçado, do ensino das sciencias naturaes, que ficou em todo o caso muito superior ao que havia.

Mas o que mais eloquentemente prova a nullidade da reforma do marquez, pelo que diz respeito ás outras sciencias é o estado em que continuou a Universidade.

Esse estado todos o conhecem, quando mais não seja, pelo celebre poema heroi-comico o *Reino da estupidez*, de Francisco de Mello Franco, composto pelos annos de 1785.

O *Reino da estupidez*, como sabeis, é a propria Universidade.

No prefacio diz o auctor dirigindo-se ao poema:

«Dize que o fructo, que d'aqui levam os Legistas, é a pedanteria, a vaidade, e a indisposição de jámais saberem: enfarinhados unicamente em quatro petas de Direito-romano, não sabem nem o Direito patrio, nem o publico, nem o das gentes, nem Politica, nem Commercio, finalmente, nada util. Que os Canonistas saiem d'aqui com o cerebro entumecido com tanto Direito de Graciano, sem critica, sem methodo, engolindo, com alguns verdadeiros, immensos Canones apocryphos; dando ao papa a torto e a direito poderes, que lhe não competem por titulo nenhum, e esbulhando os Reis dos que por Direito da Monarchia lhes são devidos. Deves porém confessar, que a Reforma trouxe á Universidade as sciencias-naturaes, que na verdade tiveram e teem ainda alguns Mestres dignos de tal nome; mas que estes ficam tam submergidos pela materialida-

de dos Companheiros, que fazem a maior porção, que para os distinguir é preciso ter vista bem *perspicaz*; tanto reina ainda aqui a mesma estupidez!»

Eis o resultado da tão apregoada reforma do Marquez de Pombal; desde ella até hoje nenhuma outra reforma foi feita ou intentada na Universidade; apenas modificações parciaes, addições d'uma outra cadeira, tudo inorganico, sem plano determinado, accidentalmente; na essencia a organização das faculdades está tal qual a deixou Sebastião José de Carvalho. As consequencias são faceis de prever.

O estudo das sciencias historicas e philologicas e da philosophia não existe na Universidade. Em quanto as nações estrangeiras julgam que essas sciencias são de primeira importancia, nós, está claro que por summa ignorancia, não póde ser por outra causa, não lhe damos logar em a nossa Universidade. As Universidades da Hespanha, França, Italia, Inglaterra, Allemanha, Russia, Estados Unidos teem normalmente, quando não são Universidades incompletas, uma faculdade em que se estudam aquellas sciencias em varias cadeiras; a nossa Universidade não quer saber d'isso. Isto mostra já por si a distancia a que ella está do espirito moderno.

Os professores da nossa Universidade, assim como todos os dos outros corpos docentes do paiz, dividem-se em duas classes:

A que considera o ensino como tendo por fim a aprendizagem;

A que dá o ensino d'ornato.

É mister que vos explique o que entendo por esta expressão ensino d'ornato, expressão que não acho satisfactoria, mas que no essencial creio accetavel.

O ensino d'ornato é o que tem unica e exclusivamente por fim mostrar o talento do professor, se

elle o tem, revelar a sua completa inepecia, se ellé apenas suppõe tel-o.

Este ensino é uma transformação d'aquella velha eloquencia da Universidade de que temos ainda de vez em quando amostras nas orações de sapiencia, de distribuição de premios e de capellos, eloquencia grave, seria, pesada, mas d'uma gravidade, seriedade e peso pura e simplesmente comicos, que me deixa sempre no espirito uma unica idéa que só posso exprimir com exacção pela palavra franceza *sottise*. *Sottise*, eis o que está no fundo d'essa velha eloquencia universitaria de que ainda vos poderia apresentar bem recentes specimens. Pois o ensino d'ornato vae entroncar n'essa eloquencia. Houve porém, como disse, uma transformação, que é recente, e essa resulta da influencia deleteria da França. A França tem bom e máo: em regra, não se conhece cá o primeiro ou despreza-se; o segundo acceta-se.

A França é verdadeiramente o paiz da desharmónia: o bom e o máo não parecem querer nunca deixar-se lá vencer um pelo outro; essa luta é que nos explica as suas decadencias e grandezas succedendo-se sem transição, quasi umas ao lado das outras. É um povo ácerca do qual não se póde dar um juizo exclusivo que não seja falso. É o povo mais *humano* do mundo, exprimindo por esta palavra *humano* o complexo de paixões, idéas que agitam o homem. Por isso na França ha o que cá não ha a consciencia do máo. Na França o ensino oratorio foi condemnado com força, com argumentos finos e por vezes profundos, mais de uma vez; pois bem, esse ensino foi o que cá se propoz como modêlo, que reagindo sobre a nossa velha eloquencia deu em resultado o ensino d'ornato. A differença entre o ensino oratorio e o ensino d'ornato consiste em que o ensino oratorio aspira a appresen-

tar peças de eloquencia bem delineadas no todo, sem incidentes que façam perder de vista o contorno geral, um todo architectonico em summa; e o ensino d'ornato apenas a apresentar um arabesco de phantasia, o que resulta em parte d'elle ter guardado muito da puerilidade da nossa velha eloquencia em parte de que, em quanto o professor francez em geral leva as suas lições de casa, o professor portuguez que se dedica ao genero d'ornato improvisa geralmente na cadeira, para onde sobe muitas vezes sem saber bem por onde ha de começar. O ensino oratorio tem todavia entre nós um ou outro representante; o seu fim e aspiração é o mesmo que apontamos para o ensino de ornato.

Na Universidade porém predomina ainda o ensino que tem por fim a aprendizagem.

Em poucas palavras direi como este é comprehendido.

Ha um livro de texto, um compendio para o estudo de cada cadeira ou parte do ensino d'uma cadeira. A adopção d'esse compendio depende da approvação do conselho da faculdade; ha assim mais alguma liberdade que nos lyceus cujos compendios devem ser approvados pelo governo. Esse compendio basta; o lente ou se contenta com indicar em cada lição ao estudante as paginas que deve decorar no dia seguinte, ou explica o compendio. A explicação do compendio não é muitas vezes mais do que a repetição d'elle por outras palavras, uma simples explicação litteral. Alguns professores substituem essa explicação pelo ensino de ornato, ou conciliam as duas cousas. O resultado é sempre o mesmo: o compendio é tudo, o professor não é nada. O professor não appresenta nunca uma elaboração original, ficando assim fiel ao espirito dos estatutos.

Ha casos em que, ou porque o lente não dá explicação ou porque ella é insufficiente, os estudantes se vêem obrigados a recorrer a um explicador particular.

Em quanto ao trabalho dos estudantes é simples: como o compendio é tudo, satisfizeram, plenamente ás exigencias do professor desde o momento em que decoraram o que o compendio diz. Consequencia: professor machina, estudante machina. Muitos estudantes conquistam tambem reputação de talento e livram-se do trabalho, a que teem muito justificada aversão, de decorar o compendio, adoptando o genero d'ornato.

A organisação da Universidade é tão forte, tem tal influencia que talentos muito aproveitaveis, que n'outras condições seriam fecundados, arrastados por aquelle machinismo fatal teem-se inutilisado completamente.

Eu quereria apontar excepções, mostrar como no meio d'aquella instituição desgraçada ha quem tenha creado uma atmosphaera artificial mais pura para viver n'ella; mas tenho que ser justo, tenho que fechar os olhos a quaesquer suggestões que não sejam as da verdade. Sem ir mais longe, n'estes ultimos vinte annos nenhum lente da Universidade produziu um só trabalho que fizesse dar á sciencia um passo! Procurei em vão se um tal trabalho existia, não o encontrei, apesar de ter feito diligencias que creio completas; mas ainda assim se um tal trabalho existe, se m'ó mostram, estou prompto a reconhecer que fui injusto e a reconhecê-lo como uma das obras mais meritorias que a actividade humana pode produzir, pelas circumstancias em que nasceu.

As minhas pesquisas descobriram-me só meras compilações, feitas com mais ou menos habilidade, e ás vezes até sem habilidade alguma.

Mas tudo isto ainda é outro em comparação d'outros vícios do primeiro corpo docente do paiz. Referir-me-hei só a alguns.

Quem não ouviu fallar nos empenhos que fazem um papel tão importante na Universidade ; n'essa verdadeira atrocidade que o habito, a indifferença, o obscurecimento da consciencia nos faz olhar como uma cousa simples, natural e que dá em resultado um numero grosso de bachareis ignorantes e ineptos ?

Quem não ouviu dizer que em regra a aspiração unica do estudante é passar, sejam quaes forem os meios ?

Quem não ouviu dizer que o estudante tem mais que antipathia pelo professor ; chega a ter-lhe horror ?

Quem não conhece a supremacia que se arroga sem titulo algum o professor sobre o discipulo, chegando algumas vezes a converter-se em clara insolencia ?

São cousas a que quasi se não attende ; mas que desgraçadamente são a prova de que não é a sciencia o interesse da Universidade ; a prova d'uma desmoralisação profunda, cujas raizes estão no passado, em verdade, mas de que o presente tambem tem culpa.

O Curso superior de Lettras foi creado com o intuito de preencher a lacuna que havia em o nosso ensino com respeito á philosophia, ás sciencias historicas e philologicas. O intuito era excellente e digno de gloria ; mas o modo de o realisar foi o mais triste possível.

Não se comprehendeu que não havia entre nós, ninguem apto para fazer um ensino, digno d'este nome, das antigas litteraturas, da litteratura moderna, da philosophia, e da historia universal ; não se conhecia o estado d'essas sciencias, e imaginou-se que a erudição fragmentada que cá havia era litteratura, que

generalidades banaes eram philosophia, e que a historia, a philosophia da historia podiam improvisar-se, e creou-se o curso e formou-se o corpo docente com o que por cá havia.

Nem sequer occorreu a idéa, que seria de resultados excellentes, de mandar vir para esse ensino, inteiramente novo, alguns professores d'Allemanha ou de França, não fazendo mais do que se fez n'outros tempos sempre que entre nós se creou um ensino novo, o que ainda hoje faz a Inglaterra, cujas instituições universitarias teve tantos pontos de contacto com o nosso.

O typo do Curso superior de Lettras foi-se buscar ás faculdades de lettras da França, facto que demonstra uma bem triste ignorancia. A organização das faculdades de lettras de França tinha já sido inteiramente condemnada, e continuou a sel-o.

Em quanto lá se estudavam os meios de as regenerar, de as reformar radicalmente, nós iamós buscar o typo julgado inutil e máo ! Os allemães tinham-se ridó d'esses cursos de lettras ; alguns francezes riãram tambem ; e nós fomos buscar o typo ridiculô !

Como eu não tenho auctoridade e podeis suppôr que é por espirito de pura maledicencia (é o nome que cá se dá ao verdadeiro espirito de critica) que estou dizendo estas cousas, vou apresentar-vos duas passagens, entre muitas, que vos mostrarão a verdade.

Diz Ernesto Renan a respeito dos cursos de lettras na França :

«A surpresa do Allemão que vem assistir a esses cursos é muito grande. Elle chega de sua Universidade, onde se habitnou a tractar o seu professor com um grande respeito. Esse professor é um *Hofrath* ; vê o principe em certos dias ! É um homem grave, dizendo só palavras notaveis, tomando-se muito ao

serio. Aqui tudo está mudado. Essa porta que bate, que durante todo o curso não cessa de se abrir e de se fechar, esses vae-e-vem perpetuo, esse ar despreocupado dos ouvintes, o tom do professor quasi nunca didactico, ás vezes declamatorio, essa habilidade em buscar ditos vulgares sonoros (logares communs) que nada dizem de novo, mas que fazem infallivelmente apparecer os signaes de assentimento, tudo isso lhe parece estranho e inaudito. Os applausos, principalmente, excitam o seu mais alto espanto. Um auditorio attento não tem tempo de applaudir. Esse uso extravagante mostra-lhe que se tracta aqui não d'instruir, mas de brilhar. Vê que não apprende nada, e diz para si que na Allemanha não se subscreveria para esse curso. N'um curso sujeito a uma retribuição, o que se quer pelo seu dinheiro, é a sciencia positiva, são os resultados precisos. Não se paga para escutar um homem que não tem outro fim senão provar-vos que sabe fallar bem. Wilhelm Schlegel, disseram-me, quiz, á imitação da maneira franceza, fazer em Bonn um d'esses cursos oratorios; não teve nenhum exito. Ninguem quiz incommodar-se para ouvir recitações brilhantes, cujo fim principal era mostrar o espirito do professor, e enjo resultado mais claro era que se dissesse á saída: Tem talento ¹.»

Permitti que vos cite uma passagem em que o ensino oratorio se achia condemnado.

« Imaginae — diz Eugenio Véron — se é possível, a figura que faria, deante d'um auditorio francez, n'uma cadeira de Faculdade, um Hegel, com sua exposição hesitante, com suas phrases incorrectas, mettidas umas pelas outras, inacabadas, com toda essa pesada bagagem de formulas pedantescas, com esse montão de he-

¹ *Questions contemporaines*, p. 91.

resias philosophicas e religiosas que constituíam o seu ensino! Suppondo que a auctoridade não lhe tivesse tirado a palavra á terceira phrase, elle teria depressa cançado a paciencia dos seus ouvintes, offendido o seu gosto, revoltado a sua consciencia.

«No fim de duas ou tres lições tel-os-hia posto a todos na rua, e teria provavelmente ficado só com o seu continuo. O proprio Kant teria sido entre nós um assaz mediocre professor, porque com todos os seus neologismos e suas palavras compridas, nunca ouvi dizer que tivesse passado por muito eloquente. Ora, a eloquencia é o nosso gosto ou antes a nossa paixão; é por ella que brilhamos e dominamos; um professor sem eloquencia arrisca-se muito a ser em breve um professor sem auditorio, fosse elle o mais douto do mundo.»

O Curso superior de Letras inaugurou-se, pois, segundo o seu typo como casa d'espectaculo; não faltaram em poucos os bravos, os applausos, sem que os professores, logo no primeiro dia, comprehendessem o papel tristissimo que estavam fazendo. A sua aspiração reduziu-se a que dissessem de elles o mesmo que do antigo actor diz a inscripção de Antibes: *Saltavit et placuit*. Não havia sciencia, houve rhetorica, ensino d'ornato, mais ou menos habilmente phantasiado, tudo superficial, inutil, esteril, mas á altura do publico, palavroso, mais ou menos sonoro, segundo o talento oratorio de cada um. O professor do Curso superior de Letras não aspira a ser profundo, não quer ser profundo, não carece ser profundo; nada o obriga a estudar; basta-lhe desenhar bem ou mal os contornos das cousas; colher aqui e acolá algumas generalidades brilhantes, alguns factos mais ou menos curiosos e bordar com esses materiaes a sua tela. Um que aspirou a mais perdeu a sua razão na empreza, martyr de sua excepcional dedicação.

Demais o Curso superior de Letras, instituição official, não pôde ser infiel aos principios do catholicismo; n'elle não pôde penetrar portanto o espirito scientifico, nem houve a coragem de, a todo o risco, o fazer lá entrar.

Um facto e um documento completarão estas observações ácerca do Curso superior de Letras.

Um professor abriu alli um anno um curso sobre o Egypto antigo; este facto é simples na apparencia, mas significa muito pelas circumstancias do professor. Este nunca tinha ido ao Egypto, nem tinha estudado o hieroglypho; estava portanto na incapacidade absoluta de exercer a minima critica sobre os materiaes que tinha que consultar, critica tanto mais necessaria quanto o estudo das cousas egypcias, que apesar dos seus progressos, encerra ainda muitas obscuridades e contradicções sobre pontos capitaes; o resultado é que o professor repetia simplesmente o que lia, dando de seu apenas a fórma, sem confiança nenhuma de ter entre duas opiniões contradictorias escolhido a mais provavel.

O documento é um extracto d'uma these que um dos actuaes professores do curso, o sr. Dr. Jayme Constantino de Freitas Moniz, apresentou no concurso em que foi approvedo. É unicamente como critica do curso que se satisfez com uma tal prova que a apresento.

A these tracta da theoria do progresso, principalmente com applicação ás bellas artes. Depois de principios geraes ácerca da theoria do progresso o auctor tracta do progresso na arte. A parte mais importante d'essa discussão é a seguinte:

« Com a esthetica christã recompõe-se a escala natural dos typos intelligiveis, restituindo-se e assignando-se a cada um o gráo e importancia que lhe compete.

« Ao lado da architectura cunhada na Cathedral, destacam-se a pintura, que embelleza, e a esculptura.

« A musica, entoando a harmonia que a antiguidade não conheceu, canta a nova epocha.

« Do seio do Christianismo sáe a concepção exacta de Deus. Não tem que fazer com ella o Jupiter de Phidias ou Jove de Homero.

« O homem apparece collocado na altura da sua dignidade, nos primores artisticos.

« A mulher tira da cabeça as rosas do Poestum, afasta os olhos da Venus impudica de Appelles, e apparece vestida de pureza e candura, sob a penna do auctor da *Divina Comedia*, ou na madona de Raphael.

« Ao fundo d'este trabalho, observam-se imponentes e magestosos os vultos de Danté e Miguel Angelo, e tomam logar após esses outros e outros cujos nomes todos os dias decoramos. Depois que será? Será o propagar a idéa, deduzir d'ella toda a verdade que contém, depurar com ella o sentimento, e elevar a arte, encarnar as suas diversas manifestações na pedra, no rythmo, na tela, o conservar e atear o fogo, o crescer, o viver, o obedecer ao preceito de Christo e á lei da Humanidade: será o amanhã do progresso. »

V

Eis-me chegado ao meu ultimo ponto — a reforma do ensino em Portugal: a base d'essa reforma é necessariamente a separação completa do estado da egreja, a liberdade da consciencia, não como mera virtualidade, mas realisada na pratica, porque isso não é liberdade de consciencia, apesar de muitos julgarem

que o é. Eu não sou livre, por crêr que o sou, mas por poder realisar a minha liberdade na actividade exterior.

Está provado que as nações em que se não revolvem continuamente as grandes questões do espirito, comprehendidas na do destino, e as que se lhe ligam, immobilisam-se, decaem, morrem, e se tornam presa das nações agitadas pela renovação das idéas. Não vêr isto é ignorar completamente a historia ou ser incapaz de dar a mais simples interpretação aos factos. Citar-vos-hei um exemplo para fixar idéas.

A Allemanha no começo do seculo xvi era um dos povos menos civilizados da Europa, como os proprios allemães, na franqueza que dá a consciencia da força, confessavam e confessam. Luthero escrevia:

« Deploravel é em toda a parte a condição das egrejas. Os homens do povo não sabem nada, não apprendem nada; não rezam, não se confessam, não commungam; toda a religião parece ter desaparecido; calcam aos pés os preceitos do papa, e desprezam até os nossos. » « Ah! assaz longo tempo ficamos n'um abaixamento bestial. As nações vizinhas chamam-nos brutos allemães, e o nome é merecido... Deixaram-se crescer as gerações como as arvores bravas nas florestas. São só mattas estereis, que apenas servem para se lançarem ao fogo. »

E Reuclino dizia em 1518, n'uma carta ao elector de Saxe:

« Os estrangeiros tem o povo allemão na conta de um povo barbaro e bestial (barbarisch, viehisch); que responder-lhe? »

Vem a renovação religiosa para a Allemanha, a renovação que prepara e permite a apparição verdadeira do espirito scientifico no mundo, essa reforma tão horrorosa aos que são incapazes de a comprehen-

der; a Allemanha transforma-se com rapidez sem exemplo, e apresenta ao mundo depois d'uma epocha de actividade preparatoria, e a partir de Lessing e Kant, o movimento d'idêas mais prodigioso que se conhece; revolve o passado, interpreta-o, reata os laços quebrados do parentesco das maiores familias humanas, discute a razão, analysa o pensamento peça por peça, explora todos os cantos da consciencia humana, reconstrue o systema do universo, depois pára na obra, como se tivesse ido muito longe, vê-se só com seu pensamento no meio d'um mundo que ainda não está preparado para receber esse pensamento; desde então não comprehendendo mais a Allemanha; vejo só que ella marcha á conquista e que tem uma força que esmaga.

As nações romanicas que não acceitaram a reforma, decahiram todas, excepto a França, do seculo XVI, para cá; mas o que fez viver a França, o que lhe deu a grandeza foi a sua luta incessante, directa, ou indirecta contra o catholicismo e as suas consequencias. A cada clarão do espirito scientifico accendia-se n'aquella grande nação o facho revolucionario, e travava-se a luta entre o bom e máo, em que muitas vezes não se distinguem bem os de cada partido, por se misturarem até no mesmo individuo as idêas contradictorias que os agitavam.

Quando o segundo imperio lançou a França na dissolução moral, quando elle pela destituição, pela deportação, pela prisão tornou impossivel a verdadeira manifestação do espirito scientifico, quando elle deu a mão ao catholicismo, o velho amigo do absolutismo, e o deixou de novo dominar na mesma França, que Napoleão I disse teria levado sem a minima difficuldade ao protestantismo, a França decaiu.

Estas lições não nos abalam; na nossa ingenui-

dade esperamos que os santos velem por nós e que o milagre d'Ourique se repetirá em sendo necessario; mas não vemos que virtualmente somos já um povo d'escravos, e que ámanhã o seremos realmente.

Confesso que não me lisongeia o esperar de nos salvarmos do perigo, e que portanto creio inutil toda a tentativa de reforma em o nosso ensino, pois que para ella se realisar era mister começar por um passo que julgo impossivel.

O catholicismo mediata ou immediatamente, abraça ou influencia profundamente todas as nossas instituições, pois elle é a unica fórma de solução do problema do destino existente em Portugal, a qual só não compartillham um numero d'individuos muito mais restricto do que poderia suppôr-se.

Não ha de ser o estado que o ha de lançar fóra; o estado por si é essencialmente conservador; a revolução attinge-o, mas partindo de fóra. Toda a revolução parte da iniciativa individual, porque toda a revolução tende precisamente a reivindicar os direitos do individuo; ora o que creio impossivel entre nós é exactamente a iniciativa individual forte e poderosa. Ha-a, é ella que aqui nos traz, mas completamente isolada, tendo deante de si uma cousa terrivel, a inercia do espirito nacional, resultado do catholicismo, do absolutismo e do ultimo esforço empregado nas lutas constitucionaes, que nos deram uma liberdade aparente com que nos contentamos.

Uma reforma radical não é talvez possivel.

Toda a reforma não radical é inutil.

NOTAS

A PAG. 27

N'um volume intitulado *Estudos da Lingua Portugueza*, por Antonio Francisco Barata, que se acha adoptado por alguns professores de portuguez e que no espaço de dous annos teve já duas edições, lê-se, entre outras cousas curiosas, o seguinte:— «Do Catalão, do Provençal e do Latim corrompido como aquelles dialectos e degenerado elle proprio, brotou a lingua portugueza, que outra cousa não é senão o aperfeiçoamento d'elles. De barato damos a genealogia d'estes dialectos, por ventura índica e comprehendida no grupo indo-europeu, bem como os glotticos estudos dos allemães sobre a formação das linguas. Outros se occupem d'isso. O *Monde primitif* de Court de Gebelin é digno de toda a leitura (p. 10, 2.^a ed.)¹» — «E não é só na lingua portugueza que encontramos grande semelhança com o latim. As neo-latinas e ainda seus dialectos o mesmo parentesco teem. O catalão, por exemplo, que se fallava nas Gallias, era um dialecto ligeiramente misturado de arabe e irmão gêmeo do romano. Eis por amostra o juramento que Luiz 22 prestou a seu irmão Carlos o Galvo (p. 11.)» Esse portuguez proveniente do catalão e do provençal e do latim, e esse catalão das Gallias em que se acha es-

¹ Na 1.^a edição havia no fim do ultimo periodo:— «... bem como, para os que souberem allemão, os trabalhos de acclimação theorica do snr. F. A. Coelho.» O auctor depois, reconsiderou e julgou que era fazer-nos grande honra citar-nos a par de Court de Gebelin, e supprimiu a passagem. Fez bem.

cripto o juramento de Strasburgo são descobrimentos com que se instrue a mocidade dos nossos collegios e lyceus. Mas ha melhor. A p. 19 e seg. dos *Estudos* do snr. Barata vem a seguinte nota sem commentario :

«A bem nos levarão sem duvida os leitores o apresentarmos-lhes aqui a opinião mui valiosa sobre o assumpto de um de nossos mais abalisados philologos de Coimbra :

«... Sobre o objecto da sua carta, tenho a acrescentar ao que V. n'ella diz, que no Bussaco, a vez que lá nos encontramos, eu disse, provavelmente, a V. que para a formação da lingua portugueza não concorreu só a lingua latina, mas muito e muito devia concorrer a lingua arabica, especialmente quanto á contextura da phrase e do discurso : que eu concluia isto não do conhecimento (que não tenho) d'esta lingua, mas de vêr como o hebreu traduzido á letra dá bom portuguez antigo, e o latim traduzido do mesmo modo, dá um portuguez mau. Que isto vinha, a meu vêr, não da lingua hebraica ter concorrido para a formação da lingua portugueza, supposição que a historia não favorece : mas do estreito parentesco existente entre as duas linguas hebraica e arabica, ramos do mesmo tronco. E descendo a particularidades adduzi, provavelmente, a V. em abono d'esta minha supposição — a collocação ordinariamente *directa* da phrase portugueza, a carencia de *casos* que ha no latim, a existencia do *artigo* que falta na lingua latina, as *preposições* regendo verbos no infinito, como — *sem dizer, sem eu o saber, sem em tal pensar* ; as preposições regendo adverbios, etc. como *antes de hontem, trás de ante hontem* ; as preposições repetidas, como : — *de per si, des-de ha muito*, etc., etc. : e phrases muito portuguezas formadas com o

verbo auxiliar *tornar a*, como: *tornar a cahir*: com o substantivo *mão*, que desempenha um papel variadissimo, como V. não imagina, em a lingua hebraica. Tenho tambem advertido na leitura do hebreu, que de ordinario as phrases d'esta lingua, certo modos de dizer particulares, transplantados para a nossa cabem n'esta muito bem e com muita elegancia, como — *trazel-o na menina de seus olhos, querer-lhe como à menina de seus olhos etc.*; e pelo contrario as phrases propriamente latinas não cahem tambem, como — *vacar a Deos* phrase de Vieira e do padre Manoel Bernardes (*Vacare Deo*) dar obra ao... estudo, por exemplo, que me parece ter lido em Heitor Pinto (*dare operam studio*); são phrases de que não gosto (agradarão porém, a outros, quem sabe?) sem embargo de serem latinissimas. Ha um não sei quê de antagonico na *indole* das duas linguas, no seu *ar*, na sua *structura*; com quanto os *vocabulos*, na sua grande maioria sejão tomados do latim.

«Parece que estes materiaes foram vasados n'um molde de muito differente natureza. Esta fusão operou-a em grande parte a lingua arabica, suppondo eu pela razão já dicta, e pelo prolongado dominio e profunda influencia dos Arabes na nossa peninsula. Conviria pois, muito e muito, estudar esta lingua notavel; além das luzes que o seu conhecimento deramaria sobre as nossas antiguidades e origens, ganhava consideravelmente o estudo da lingua portugueza, que procede d'ella. Mas que quer? A cadeira de arabe que havia em Lisboa, cuidoo que está fexada; pelo menos nada tenho ouvido a respeito d'ella. E assim o mais.

«Agora quanto ao grego, tambem se encontram algumas analogias entre esta lingua e a portugueza, e isto não só pela communicação dos habitantes da pe-

ninsula, especialmente os do litoral, com os gregos que aqui se estabeleceram ; mas tambem (quem sabe ? é supposição minha) pela relação que deve haver entre o grego e o phenicio, d'onde os gregos tomaram o seu alphabeto, etc. ; e o phenicio ser lingua muito aparentada com o hebreu, e com o arabe... Emfim, sobre isto mais tinha eu que dizer mas só poderia ser á vista ; uma carta não se presta bem a estas cousas...»

É pena que o auctor não nos dê os nomes d'esses abalisados philologos de Coimbra, cuja reputação não se estende provavelmente além do Mondego, e sobretudo que nos não revele o do signatario da preciosa carta que publica para nossa illustração : é sem duvida esse signatario algum professor respeitado da Universidade ou do Lyceu. As idéas expostas na carta acham-se tocadas no livro d'um professor de medicina. Referindo-se este á influencia do arabe sobre o portuguez que olha como celtico um tanto alterado, escreve o auctor: «Entendemos tambem que a lingua portugueza devia receber tanto melhor a profunda modificação (á parte as aspirações que contrariavam a sua doçura nativa), quanto o elemento *aborigene* (o celtico) casava mais com o oriental arabico que com o romano.» Macedo Pinto, *Tractado de medicina administrativa e legislativa*, Tom. 1, p. 110.

A PAG. 37

Eis um specimen da eloquencia e do latim da Universidade de Coimbra :

«Oh ratio! oh sapientia! quam mirabilia sunt opera vestra! oh Sempiternc Deus! quam infinita est sapientia tua ac potestas, omnium bonorum causa, sive proxima, sive remota! Coramte te, Deus Optime Maxime! me humillime prosterno; ac te, tota anima

tota mente, toto corde, adoro: in quo situs est præstantissimus rationis usus. Sapientia vero litteris, artibus et scientiis, acquiritur.

« Artes haud esse in scientiarum potestate apud vulgum creditur. Quod omnino falsum: nanque ingenii in litteris ipsis *secundariis* nominatis, et *artificialis* laboris fructus, scientia comparantur, maturescunt, formosique fiunt. Dubio procul sapientiæ sunt momenta Ilias et Odissea; Apollo a Belvedero sculptus et Sacræ Familia a Raphaele picta. Quomodo autem, nisi scientia summoque simul ingenio, illi ipsi sese posteritati commendarent? Quomodo etiam, nisi idcirco, Demosthenes ab ipso Æschinis capite eloquentiæ coronam, omnibus fervide plaudentibus, ad se divelleret; et Græcis contra Philippum ar matas dexterarum daret? Quomodo, nisi idcirco, Tullius Catilinam ejiceret, et Cæsaris quoque potestatem interdum ipse domaret? Quomodo?... Sed minime necesse est alia referre exempla: quæ recentioribus etiam ætatibus plurima sunt.

« Sermonis origo revera mysterium continet. Tam sublimis est ars definitis verbis animi seusa promendi, ut ipsa non hominum, verum Dei, creatio videatur; et Susmihl, Rousseau, de Bonald, et Herder sunt opinati.

« Dubitari tamen nequit, quod sermonem, pariter atque omnia humana, progressus legi submitti, et ex sapientia quam perfectissimum fieri Deus aperte voluerit. Certe quidem *grammaticæ, rethoricæ, et litteraturæ* debetur ars nostras cogitationes recte, amœne, eleganter et facunde aliis enuntiandi, sicut et sapientiæ divitias, a populo in populum, a sæculo in sæculum, per linguas multas ac dissimiles, transmittendi.

« *Geographia* est *Ariadnæ filium*, quod hominis gressus per orbis labyrinthum ducit. Ex qua ipse a conclavio suo, veluti ab alto, terras ac maria cernit.

«*Historia præteriti est sequestris; et, ut ipsis Ciceronis verbis utar, testis temporum, lux veritatis, vita memoriæ, magistra vitæ, nuntia vetustatis.*

«*Rationalis philosophiæ analysis lumen spiritui adhibet; et immortalem hujus naturam ac divina rationis aperit elementa; fidei gradus, quos nostræ ideæ habere debeant, inquiri, ponderat, comprobat.*»

(Extracto da Oração de Sapiência, feita em outubro de 1870, publicada no ANNUARIO DA UNIVERSIDADE, para o anno lectivo de 1870 a 1871).

A PAG. 43

À velha eloquencia academica do seculo XVIII, tambem se acha ainda hoje representada no Curso superior de Lettras. Eis um specimen extrahido do *Discurso proemial, lido pelo professor de litteratura antiga* do Curso superior de Lettras, Antonio José Viale, no dia da abertura da sua aula em 15 de janeiro de 1861:

«Senhores: — Ao ter de fallar pela primeira vez em publico, e perante um auditorio tão conspicuo e tão illustrado, não pude resolver-me a confiar das contingencias da memoria a recitação, já não digo de um discurso inaugural e solemne, de que assentámos dever prescindir n'este anno, mas nem ainda a de um singelo preambulo sobre a importancia da litteratura dos dois povos mais illustres da antiguidade, acompanhado de uma exposição da traça que me proponho seguir, para d'esta cadeira, em que, pela benignidade do nosso augustissimo soberano tenho a honra de assentar-me, coadjuvar os esforços de uma escolhida porção da estudiosa mocidade no cultivo de um dos ramos mais amenos dos conhecimentos litterarios. N'este, para mim critico momento de perplexidade e receio, ao lamentar a minha inexperiencia e hamani-

infacundia, apropriando ao meu caso um hemistichio do vate de Sulmona, por elle empregado em bem differente proposito, exclamarei: « *Felices quibus usus adest!* »

« Praza ao céu, que esta forçosa confissão do meu isocratico encolhimento, cem vezes mais justificado que o do auctor do Panegyrico e da Panathenaica, seja recebida com benevolencia, e não obste a que os meus humanissimos alumnos me prestem attenção no decurso d'estes exercicios, a que vamos dar começo; alentando assim, com a sua docilidade e deferencia o quinquagenario professor, bisonho nas tarefas do magisterio publico, mas encanecido na leitura de algumas das obras primas da sapiencia grega e romana.

« Dar uma resumida noticia dos mais distinctos escriptores das duas nações, hellenica e latina; enumerar as mais notaveis entre as suas obras, comparando, quando parecer opportuno, as de uma com as da outra; apontar algumas das bellezas que mais as abrihantam: procurar infundir nos animos juvenis, não uma esteril admiração, mas um louvavel desejo de formar ou de reformar o proprio gosto litterario; taes são as principaes obrigações que me são impostas para o desempenho das honrosas funcções do meu novo cargo na republica das letras.

« Para que n'ellas me haja de estreicar sob favoraveis auspicios, cumpre-me não omittir uma reverente invocação, e um cordeal agradecimento.

« Primeiro que tudo invoco portanto as benções do Altissimo sobre estes nossos estudos. Poder-me-lia eu envergonhar, christão, perante um auditorio christão, de prestar aqui esta homenagem de absoluta submissão e de filial confiança ao Ser Supremo, que, em mysteriosa revelação ao apostolo exilado em Patmos, a si proprio chamou, usando de uma imagem tirada

do alphabeto da mais bella das linguas, *Alpha e Omega*, principio e fim de todas as cousas? Pelo contrario, tendo eu de fallar d'aqui a pouco de Orpheo, de Arato, de Virgilio, ser-me-hia desdouro, se agora me não recordasse do fragmento orphico tão celebrado nas antigas escólas philosophicas: « Jupiter é o ser primeiro, Jupiter o ultimo, Jupiter o medio: de Jupiter todas as cousas procedem; Jupiter é rei, Jupiter é o dominador universal »: se (substituindo o nome mythologico de *Jupiter* pelo sacrosanto de *Jehova*, o verdadeiro Deus uno e trino) não vos repetisse com o vate astronomico de Solos: Ek Dios archômetria, e com o principe dos poetas latinos: « Que primeiro a Mantua trouxe as palmas idumeas: *A jove principium... Jovis omnia plena.* »

« Com effeito aquelle espirito, increado e creador, que inspirou Moysés, o mais antigo dos historiadores, e o mais sabio dos legisladores; que temperou as cordas da harpa do propheta rei; que dictou paginas sublimes a Isaias e a Ezechiel, maviosos threnos a Jeremias; que pela penna de Salomão e de Jesus, filho de Sirach, aditou os filhos da synagoga, e ainda hoje os filhos da igreja, com uma preciosa collecção das mais puras e profundas maximas, moraes e religiosas, tambem, na ordem natural, é fonte de luz, dadôr do engenho, e em variadissimas proporções segundo os arcanos da sua providencial economia, distribuidor de todos os dotes do entendimento, em summa, auctor de todo o bem, e eterno archetypo de tudo o que é bello, magestoso e sublime, inspirador e fautor de todas as tentativas uteis, e de todo o verdadeiro progresso.....

« Agora, estudiosos mancebos, releva dizer-vos alguma cousa (de relance, porque a vossa perspicacia supprirá a minha deficiencia) ácerca da vantagem que

da frequencia d'este curso vos ha-de resultar: por onde, melhor conhecida e ponderada a importancia do beneficio, hajaes de avivar em vós mesmos os ingenitos brios, empregando todos vossos esforços, para d'elle cabalmente vos aproveitardes; o que será sem duvida alguma o melhor modo de patentear o vosso reconhecimento a Sua Magestade o excelso, illustrado e zelosissimo promotor da publica instrucção em todos os graus e ramos em que ella costuma dividir-se, e augusto creador e patrono d'este curso superior, cujas aulas acabam de abrir-se em vosso proveito.

« Nem ainda rapidamente encarecerei o subido interesse que achareis no estudo da historia geral, e particularmente da portugueza, nem a importancia e amenidade do estudo da litteratura moderna, especialmente da nacional, que são o objecto do ensino da primeira e da terceira cadeira do nosso curso.....

« Sómente ácerca da litteratura classica antiga me proponho offercer-vos, illustres e benevolos alumnos, algumas considerações, tendentes a mostrar-vos a sua utilidade; e para que ellas façam maior impressáo no vosso animo, invocarei o testemunho de alguns sabios, cuja auctoridade em tal materia é acatada na Europa inteira. Anhelando anciosamente por inspirar-vos um entranhavel affecto ao menos aos summos entre os grandes escriptores gregos e latinos, quasi não posso defender-me de um sentimento de inveja, mas inveja não filha de um vituperavel amor proprio, senão do vivo desejo que tenho de vos ser agradavel e proveitoso. N'esta mesma cadeira em que hoje me estaes vendo assentado, vistes hontem, vereis amanhã, e successivamente, um sabio professor, um escriptor lido com tanto gosto, com tanta razão applaudido. Ouvistes e ouvireis saír de seus labios um eloquio fluente, abundante, harmonioso. Docemente attrahi-

dos pelo encanto da sua facundia, o ireis seguindo gostosos, ainda quando (o que elle de certo não fará, porque ha de ferrar-vos a quanta fadiga não vos haja de ser absolutamente necessaria), ainda quando, digo, houvesse de embrenhar-se nas mais difficeis investigações, e convidar-vos a penetrar nos escuros labyrinthos da critica para apurar a verdade ácerca de factos duvidosos ou mal avaliados. E commigo o que succederá?

*« Il n'est point de serpent, ni de monstre odieux,
Qui, par l'art embelli, ne puisse plaire aux yeux. »*

disse judiciosamente Boileau.

« Em contraposição a esta sentença do legislador do Parnaso francez, bem poderia dizer-se que o assumpto mais ameno, tratado com desprimor e impericia, ha de produzir enfado e despligencia. E este é o meu receio. Em tal descoroçoamento só me vigora uma consideração, e vem a ser, que o meu mister n'estes exercicios quasi se limita ao de um guia que se propõe conduzir-vos a contemplar de mais perto monumentos, de alguns dos quaes talvez só tenhaes uma vaga noticia. Bem quizera eu, para suavisar-vos a fadiga da viagem, conduzir-vos por caminhos planos e deleitosos; não me é dado esperal-o; mas fico-vos, que, se não desanimardes, chegados ao termo, dareis por bem empregados o tedio e incommodos da peregrinação.

« Sim, bem empregado, mil vezes bem empregado é o trabalho a que temos de sujeitar-nos para travar conhecimento com aquelles genios immortaes, que têm sido o objecto de universal admiração, de concordos elogios, de geral applauso, durante milliares de annos, e a leitura de cujas obras ha sido estudo e delicias dos engenhos mais eminentes em todos os seculos e em todas as nações, apesar da mudança das

crenças religiosas, e das instituições politicas, e sem embargo da diversidade dos costumes e usanças dos povos civilizados.

«É verdade que, no meio do geral concerto de vozes em louvor dos auctores classicos, e em favor do seu estudo, como parte da publica e particular instrucção, quasi indispensavel para formar o bom gosto, e servir de seguro criterio nas questões de esthetica litteraria; é verdade, digo, que algum brado se ergueu em contrario sentido, nos fins do seculo xviii. Não é menos verdade, que ainda no actual se ouvem alguns echos d'esse brado. que eu não duvidarei chamar profano, e quasi sedicioso, no santuario de Minerva, e na republica das letras. Para não ser demasiadamente diffuso, nada direi dos poucos escriptores de alguma nomeada, que no seculo passado se alistaram em uma especie de gaziva contra o culto das musas classicas. Enquanto aos raros detractores d'ellas, contemporaneos nossos, folgo de repetir-vos em seguida as conceituosas expressões de um distincto litterato francez, o snr. A. Bignon :

«Em nossos dias a litteratura antiga foi atacada pelos ultras do *romantismo*, como demasiadamente *classica*, e pelos ultras do *catholicismo*, como demasiadamente *profana*. Se houveramos de lhes dar ouvidos, ella paralytaria a arte, corromperia a moral, mereceria que de toda a parte se lhe bradasse: *Anathema!* Porventura succumbiu ella? Pelo contrario parece ter modrado. Os antigos auctores gregos e latinos, em resultado da feliz inliabilidade dos novos iconoclastas, viram crescer o numero de seus proselytos. Os criticos de atilado gosto, bem longe de os votarem aos deuses infernaes, continuaram a adoral-os com fervor, mas sem fanatismo. Os classicos gregos e latinos, objecto de um culto racional, carearam a estima

de amigos íntimos, e acharam interpretes mais conscienciosos.» (*Journal des Débats* de 20 de novembro de 1860.)

« Ouçamos quasi sobre identico assumpto uma voz, se é possível, ainda mais auctorisada, o snr. Villemain:

« A melhor resposta aos escrupulos e aos sophismas que se hão suscitado em nossos dias contra a educação classica, e em parte contra o estudo das linguas grega e latina, seria sem duvida o robustecer este estudo e tornal-o tão completo quanto o permitta o emprego dos annos da mocidade. Se quereis que a nação franceza não decáia em ponto algum do alto logar que occupa entre as nações civilisadas; que nunca venha a ter religião menos illustrada, uma sociedade menos forte e menos culta, um corpo de magistratura menos elevado, profissões sabias menos acreditadas na Europa, não enfraqueçaes, nem por negligencia, nem por systema, aquella instrucção a que se dava o nome de estudo de letras e de humanidades. Não haveria cousa alguma que fosse capaz de substituir esta primeira cultura; o pretendido *progresso*, que a tem em menos preço, é uma verdadeira *decadencia*. » (*Journal des Savans*, de setembro de 1859.)

« Que poderia eu, de propria lavra, acrescentar ao que sobre a importancia dos estudos classicos, disseram os citados dois sabios francezes, que têm por seus escriptos grangeado uma distincta celebridade no mundo litterario? O douto, elegante, eloquente professor Villemain, não menos acreditado como estadista e como polidissimo escriptor, exhorta calorosamente aos seus nacionaes á cultura d'estes estudos, fazendo-lhes entrever que a negligencia n'esta parte da instrucção obscureceria algum tanto o brilho de um povo que a todos os respeitos campeia entre os mais policiados e

illustres da sociedade moderna. O snr. Villemain, que pertence a uma nação, cuja litteratura, entre as opulentas opulentissima, é hoje a mais universalmente estudada, saboreada, preconizada, agouraria mal da duração de tamanha gloria, se entre os seus compatriotas, que o são de Corneille, de Racine, de Malherbe e Boileau, de Bossuet e de Fénelon, de Lamartine e de Cousin, se entibiasse o até agora fervoroso culto consagrado aos semideuses litterarios da Grecia e de Roma, a Homero, a Pindaro, a Demosthenes, a Sophocles, a Platão, a Virgilio, a Horacio, a Cicero, a Salustio, a Tacito! . . .

« Que diremos nós os portuguezes? *Minor est nobis, sed bene cultus ager.* Proporcionadamente ao nosso territorio e á nossa população, tivemos, e temos, um consideravel numero de escriptores, poetas e prosadores, que se abalisaram e se abalisam em differentes especies de composições. Ora o periodo mais brilhante da nossa litteratura (como melhor se vos fará conhecer em outra, muito melhor regida cadeira d'este curso) foi justamente aquelle em que entre nós se prestou a maior attenção ao estudo das linguas sabias. Lembrarei sómente a escola da côrte do Senhor Rei D. Manuel, onde, como é notorio, recebiam a instrucção classica os mancebos nobres conjunctamente com os principes da real familia; escola de que safu mais de um elegante escriptor, e signaladamente o immortal auctor das *Decadas da Asia*, cognominado Tito Livio Portuguez. N'aquelles bons tempos antigos até uma princeza, a Infanta D. Maria, roubando algum tempo aos delicados labores do seu sexo, se deliciava na leitura de escolhidos auctores gregos e latinos familiarisada com as linguas originaes, sob o magisterio da virtuosa e doutissima Luiza Sigêa.

« Ninguem ignora os serviços prestados ao pro-

gresso intellectual de nossos maiores pelo sabio Ayres Barbosa, discipulo de Angelo Policiano, e professor, durante quatro lustros na universidade de Salamanca; por Achilles Estaço; pelos conegos regnantes D. Heliodoro de Paiva e D. Pedro de Figueiró; e por outros varões consummados em erudição, alguns dos quaes, no collegio das artes em Coimbra, substituiram os sabios estrangeiros Gruchio, Buchanan, Patricio Scoto, Arnaldo Fabricio. Todos estes varões sapientissimos eram profundamente versados na classica erudição, e d'ella faziam a base da instrucção que ministravam a seus discipulos. E logo após elles, ou contemporaneamente com elles, enriquecidos pela sua doutrina, assiduos cultores da classica antiguidade, viram-se florescer os Bernardes, os Ferreiras, os Arraes, e um poeta que só vale por muitos ou por todos, Luiz de Camões, cujo estudo da Encida transluz em todos os cantos dos Lusíadas, e que, em mais de um logar da mesma epopéa, deixou indeleveis signaes de ter tambem revolido com grande proveito os dois poemas do vate meonio. Por causas cujo exame não é proprio d'este logar, foi-se insensivelmente esfriando entre nós o ardor com que até então se tinham estudado os bons escriptores gregos e latinos. Qual foi o resultado d'esse esfriamento? A decadencia, contra a qual o snr. Villemain aconselha os seus compatriotas que forcejem por precaver-se, realisou-se entre nós. Verdade é, que alguns engenhos privilegiados sustentaram, e talvez ainda exalçaram mais a antiga gloria litteraria de Portugal. A quem não occorrem n'este momento os nomes de Fr. Luiz de Sousa, de D. Francisco Manuel de Mello, do padre Antonio Vieira, do padre Manuel Bernardes? Mas quem não descobre nos aureos escriptos d'estes grandes mestres de dicção vernacula, e de estylo nobre, elegante, facundo, irrefragaveis pro-

vas do muito tracto que tiveram com os classicos da antiga Roma?

«Passemos em claro o período de notoria e lamentavel decadencia proximamente anterior á reforma da universidade de Coimbra, no ministerio do Marquez de Pombal. Quem ignora, que ao novo impulso dado por aquelle illustre estadista aos estudos de humanidades, se deveu em grande parte o successivo apprecimento de algumas obras litterarias de notavel merecimento?

«Dos eminentes escriptores de nossos ultimos tempos (um dos quaes nos foi roubado pela morte ha pouco mais de um lustro, e dos outros dilate o céo a vida por longos annos para instrucção nossa, e cada vez maior lustre da patria) não ousarei fallar; seus nomes vos são tão conhecidos, tão conhecidos de todos... não hão mistér de louvores, e muito menos dos meus. Só direi que, se nós muito lhes devemos, tambem todos elles muito deveram e devem á leitura dos antigos classicos.

«Aqui tem cabimento occorrer a uma objecção, e desvanecer um escrupulo. Pois o estro poetico, dir-me-ha algum de vós, e o dom da eloquencia, não podem, e até não devem prescindir do estudo das regras, da imitação de modelos? Pelo que respeita á poesia não nos diz Pindaro, que o poeta nasce poeta, e vae, qual aguia, fitar os olhos no sol; que os que pretêdem aprender arte tão divinal, não passarão de garrulos, ou antes de corvos grasnadores? (*Olymp. II*). Ha n'esta objecção alguma verdade. Porém os genios, que em poesia e em eloquencia não têm necessidade de cultura, são tão raros, que talvez não se apontem mais de dez ou doze em todas as litteraturas reunidas. Entrará Homero n'este numero. Entrará Pindaro. Demosthenes e Cicero certamente não; pois am-

bos, á custa de muito estudo, dirigiram pelas veredas da rasão

«O dom maior que a natureza outorga,
«Do humano affecto a despota eloquencia.»

(MACEDO, *Medit.*)

«Dante, com rasão havido por tão original, candidamente confessa que aprimorára o seu estylo tomando por modelo o de Virgilio :

«Tu sé solo colui de cui io tolsi
«Lo hello stile che m'ha fatto onoro.»

(*Inf., Cant. I.*)

«Shakespeare e Milton não se terão locupletado com oiro e pedras preciosas tiradas das minas da Grecia e do Lacio? Respondam os commentadores dos dois grandes poetas inglezes.

«Demais, convem limitar as ambições litterarias, a de originalidade, por exemplo, como toda a sorte de ambições. Aliás expor-nos-hemos a quedas desastrosas. Esta maxima, aliás tão trivial, que nos dissuade de abalançar-nos a commettimentos superiores ás nossas forças, a mythologia hellenica no-la inculcou peregrinamente, contando-nos a tão conhecida fabula de Icaro. Não se toleram poetas mediocres... Mas para ser contado entre os bons, entre os optimos, é indispensavel a prerogativa de uma total originalidade? Virgilio não terá logar entre os optimos? E não estudou elle a Theocrito, a Hesiodo, a Homero, a Apollonio Rhodio? Não leu attentamente Ennio e Lucrecio? Não imitou todos elles? Não ha muitos hemistichios, e até versos inteiros, traduzidos ou copiados de todos aquelles auctores, nas Eglogas, nas Georgicas, na divina Eneida?

«O escrupulo, a que alludi, liga-se estreitamente com a indicada objecção, ou antes com ella se confunde. Assim como cada nação (diz-se) tem sua in-

dole e seus costumes e tendencias proprias, tambem cada litteratura deve ter um caracter proprio e nacional, analogo a esses costumes e tendencias. O estudo das duas litteraturas antigas não será um obstaculo ao livre desenvolvimento do engenho? não cercará, para assim dizer, as azas ao genio; não suffocará a inspiração? O eximio critico francez, por mim acima citado (o snr. Villemain, *Histoire de la littérature du moyen age*) declara infundado um tal escrupulo, e appella para os factos.

« Com effeito, encontram-se na idade media engenhos que por si mesmos se desenvolveram, uns que se concentraram em si mesmos, outros que livremente divagaram pelo vasto campo da natureza, outros, finalmente, que só exprimiram affectos por elles proprios sentidos. Quantos entre os innumeraveis trovadores, e trovadores d'aquella epocha, merecem ainda hoje a nossa attenção? Entre tantos e tantos cujas poesias foram talvez ouvidas com enthusiasmo nos acastellados palacios de barões, condes e principes, amadores da *gaia sciencia*, qual se aponta que possa hombraear, ou ainda mesmo que possa comparar-se com Dante e com Petrarca? O mesmo podemos nós dizer de tantos e tantos trovistas portuguezes, cujos versos andam colligidos nos antigos cancioneiros, comparativamente com Camões. Ora Dante, Petrarca, Camões, como todos sabem, conheceram os classicos antigos, estudaram as suas obras, e até se ufanaram de os imitar. Os que todos se embebem na leitura dos modernos escriptores estrangeiros, esses, muito mais do que os cultores das letras antigas, correm perigo de merecer a severa exclamação do grande satyrico latino: *O imitatores, servum pecus!* Porquanto a muito maior conformidade entre os costumes e usos das nações modernas, em relação umas ás outras, e a indole

das linguas muito mais affins, facilitando a imitação, são uma quasi continua tentação, na qual frequentemente cáem os engenhos mediocres ou preguiçosos.

«Não faça portanto impressão em vosso animo tal objecção, nem vos deixeis tomar de similhante escrupulo, ao correrdes em um estadio em que podeis ganhar muito viçosas palmas, estudiosos mancebos, a quem exclusivamente entendo dirigir-me, pondo mira em confirmar-vos no vosso proposito de vos adestrar-des e robustecerdes nas nobres, proficuas e gloriosas lides de uma solida instrucção litteraria.

«Segue-se agora circumscrever (para assim me explicar) a área que teremos de percorrer n'estes nossos exercicios. Os nossos estudos vão versar sobre a litteratura antiga. Esta designação em si mesma é tão ampla e tão vaga, que não deixará de ser conveniente limita-la e defini-la. Primeiro que tudo, é obvio que não teremos de occupar-nos nem da litteratura sanscrita, nem da persiana, nem da arabe, nem mesmo da hebraico-biblica, que aliás tão fundado e tão sagrado direito têm á nossa admiração e á nossa reverencia, mas que, como em logar mais proprio, deve ser ensinada, de um modo especial, nos seminarios, aos aspirantes ao sacerdocio.

«Nem vós (segundo creio), nem eu, temos tempo para estudar, ainda mesmo nas versões inglezas ou francezas, os 18 livros, e 200:000 estancias, do *Mahabharata* ¹, nem o *Reconhecimento de Sacontala* ², nem o *Châh-Nameh*, ou historia dos reis da Persia, em 120:000 versos ³.

¹ Grande epopéa indiana escripta por Vyasa, quinze ou dezeseis seculos antes do Jesus Christo, traduzida em inglez pela sociedade asiatica de Calcuttá.

² Composição dramatica de Kalidasa, vertida do sanscrito por Jones.

³ Composta por Ferdoucy, dez seculos antes da nossa era, e trasladada em francez por mr. Julio Mohl.

« Menos vasto, menos difficil, mas tambem mais agradavel, e certamente mais util, que o estudo d'essas litteraturas orientaes, é o estudo que vamos emprehender ¹.

« No estylo escolar chama-se particularmente *litteratura antiga* a *litteratura grega e a latina*, ás quaes tambem se applica, por excellencia, a denominação de *litteraturas classicas*. Condecoram-se com esta denominação (diz um erudito allemão, o snr. Schoell), porque as principaes obras, que ellas produziram têm o character da perfeição, e porque no restante das outras, pelo menos se observam constantes esforços para chegar a esse *desiderandum* do engenho humano. O estudo d'esta litteratura classica (continua o mesmo auctor) é indispensavel para todo o individuo que quer poder avaliar o bello nas composições em prosa ou em verso: constitue a base de toda a educação litteraria, e sem ella é difficil fazer grandes progressos em qualquer ramo da sciencia.

« O pouco tempo que d'esta vez (por circumstancias especiaes) tem de decorrer desde a abertura d'estas aulas até ao fim do anno lectivo, não me permitirá desempenhar completamente o programma da minha cadeira, por mim submettido á regia approvação pelo ministerio do reino, e publicado no Diario de Liboa de 19 de outubro ultimo.

« Uma das alterações, que me será forçoso fazer-

¹ Por nenhuma maneira entendo negar a importancia das litteraturas orientaes, nem fazer pouco apreço dos serviços prestados ás letras pelos sabios francezes, inglezes e allemães, que cultivaram e cultivam taes estudos com tanto proveito e applauso. Não quero entrar no numero, aliás bem crescido, dos que blasphemam d'aquillo que ignoram. Nem ainda mesmo me applicarei o — *non equidem invideo, miror magis* — do pastor virgiliano. Mas quem pôde negar que as obras primas d'essas litteraturas, objecto de um restricto interesse, difficillimas de serem estudadas nas linguas originaes, nunca foram, nem poderão vir a ser materia de ensino escolar, como habilitação para as carreiras liberaes, ainda os povos mais adiantados na civilisação?

lhe, é omitir uma parte das noticias biographicas relativas aos escriptores das duas nações. Essa lacuna porém ficará supprida pela analyse de um livro de Homero, de alguns da Eneida, de algumas odes de Pindaro e de Horacio, de alguns trechos das orações de Demosthenes e de Cicero, se couber no possivel.

«É tempo de concluir. Não acabarei porém este meu discurso, sem exprimir um voto saído do intimo do meu coração. Possa estreitar-se entre nós a tão natural, como proficua alliança entre os cultores das sciencias e os cultores das letras! Enganar-se-ia quem suppozesse que as sciencias só ministram fructos aos seus cultivadores, as letras sómente flores aos que lhes consagram os seus desvelos. Tanto as sciencias como as letras são dadas de fructos e de flores aos seus apaixonados; repartem-lhes, em proporção diversa, alimento solido e deleitoso recreio. Nas sciencias hoje vemos felizmente entre nós indisputavel progresso. A inclyta universidade de Coimbra, as escólas superiores de Lisboa e do Porto, estão como á porfia, ganhando sagrado direito á gratidão publica, e conquistando palmas de immarcescivel gloria. Ouso diz-lo, porque n'isso sou apenas echo da geral opinião, e porque esta confissão nos ha de servir de efficaz incitamento. Iguaes progressos vejamos nas letras classicas! O estudo dos classicos gregos e latinos, foi para Portugal, quasi dissera, a auroca da sua civilisação; ella a foi acompanhando e promovendo até ao periodo em que a gloria nacional tocou o seu zenith.

«Briosos mancebos, estes estudos, a que nos vamos dedicar, foram um dos mais estimados brazões de vossos maiores, contemporaneos dos varões assignalados que descobriram tantas novas terras, que ganharam tão estrondosas victorias, que conquistaram para a religião e para a patria tantas ilhas, tantas cidades,

tantas provincias! Estes estudos decaíram, em parte, entre nós com as vicissitudes dos tempos. («Que em tudo a sorte dos mortaes é esta!») Revivam com mais vigor, reflorçam viçosos, e copiosamente fructifiquem, no reinado de um Principe magnanimo, igualmente prezador e cultor das sciencias e das letras.»

Reproduzimos por inteiro e com as notas do seu auctor o discurso do professor Viale porque elle revela ao estrangeiro, a quem este escripto é especialmente destinado, o estado dos estudos classicos entre nós na sua phase menos desfavoravel; o resto que temos n'esta parte fica tudo abaixo d'aquelle nivel. Entendemos apresentar o discurso sem observação nenhuma critica, apesar dos erros de facto, para não fallar na eurteza das idéas, que n'elle se encontram.

FIM

